



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE TURISMO



HELEM CAROLINE VICENTE SOARES

**OS FREELANCERS E A PRECARIZAÇÃO NO SETOR DE EVENTOS:
A REALIDADE DE OURO PRETO – MG**

OURO PRETO

2026

HELEM CAROLINE VICENTE SOARES

**O FREELANCERS E A PRECARIZAÇÃO NO SETOR DE EVENTOS:
A REALIDADE DE OURO PRETO – MG**

Monografia apresentada ao Curso de Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Turismo.

Professora Orientadora: Dra Kerley dos Santos Alves

OURO PRETO

2026

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S676f Soares, Helem Caroline Vicente.
O freelancers e a precarização no setor de eventos [manuscrito]: a realidade de Ouro Preto - MG. / Helem Caroline Vicente Soares. - 2026. 88 f.: il.: gráf..

Orientadora: Profa. Dra. Kerley dos Santos Alves.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Escola de Direito, Turismo e Museologia. Graduação em Turismo .

1. Turismo - Empregados. 2. Trabalhadores autônomos. 3. Precarização do trabalho. 4. Ouro Preto (MG). I. Alves, Kerley dos Santos. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 338.48:331.5

Bibliotecário(a) Responsável: Sione Galvão Rodrigues - CRB6 / 2526



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE TURISMO



FOLHA DE APROVAÇÃO

Helem Caroline Vicente Soares

Os freelancers e a precarização no setor de eventos: a realidade de Ouro Preto (MG)

Monografia apresentada ao Curso de Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Turismo

Aprovada em 24 de fevereiro de 2026

Membros da banca

Dra - Kerley dos Santos Alves - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dra - Carolina Lescura de Carvalho Castro Volta (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dr - Bruno Pereira Bedim (Universidade Federal de Ouro Preto)

Kerley dos Santos Alves, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 29/04/2026



Documento assinado eletronicamente por **Kerley dos Santos Alves, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 30/04/2026, às 00:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1098559** e o código CRC **AB194DAA**.

Dedico este trabalho à minha família, base de todo o meu caminho, pelo amor e suporte incondicional.

Dedico também a mim, por ter resistido aos momentos difíceis, enfrentando os medos e seguindo em frente com determinação. Que eu nunca me esqueça da minha própria força.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar agradecendo a Deus, por me conceder força, foco e sabedoria para concluir um ciclo tão importante. Mesmo diante dos desafios, foi Ele quem guiou meus passos e renovou minha fé para que eu não desistisse.

Mãe, você é minha âncora e minha fortaleza. Sou grata por ter você como exemplo de amor, força e dedicação. Obrigada por todo cuidado, apoio e por nunca soltar minha mão. Eu te amo muito.

Pai, você sempre foi meu maior exemplo. Nossas personalidades fortes e tão parecidas, às vezes teimosas também, eu admito, só confirmam o quanto sou sua cópia. Obrigada pelo apoio constante, pelo incentivo e por estar sempre ao meu lado, me encorajando a seguir em frente. Eu te amo

A minha querida irmã, parceira de vida, risada, obrigada por estar sempre ao meu lado, me apoiando e torcendo por mim em cada etapa. Tenho muito orgulho de ver você trilhando seu próprio caminho, agora também na UFOP, construindo sua história com tanta força e determinação. Seu carinho e companheirismo tornam tudo mais leve. Te amo demais.

Às famílias Vicente e Soares, e em especial às minhas tias Rosa e Tia Gui, às minhas primas Poliana, Pâmela e Marliely, agradeço por todo carinho, apoio e presença constante em minha vida.

Aos meus familiares que hoje me abençoam do céu, especialmente minha tia Marli e minhas avós Luzia e Rita, deixo minha eterna saudade e gratidão. A influência de vocês em minha vida é indescritível e torna tudo mais completo e cheio de amor e alegria. Amo vocês!

A Ouro Preto, obrigada por ser meu destino nesta jornada. Foi aqui que aprendi que lar é onde se constroem as memórias mais felizes, e esta cidade será para sempre uma delas. Obrigada por me acolher, me permitir ser quem eu sou e mostrar que posso ser eu mesma em cada experiência vivida.

À UFOP e ao DETUR, agradeço pelo ensino público, gratuito e de qualidade, que me permitiu vivenciar o Turismo de forma inesquecível. Aos professores, minha gratidão por despertarem em mim ainda mais admiração pela profissão que escolhi. Em especial, a Prof^ª. Kerley, minha orientadora, que abraçou meu tema e desempenhou sua função com dedicação, amizade e apoio incondicional. Aos membros da banca, Prof.^a Carolina e Prof. Bruno Bedim, agradeço pela disponibilidade e pelo carinho ao aceitarem fazer parte deste processo. Obrigada a todos os professores que, com competência e paixão, me proporcionaram aprendizado e inspiração para atuar profissionalmente na área do Turismo.

À Universidade do Algarve, em Portugal, e à cidade de Faro, agradeço por proporcionarem uma experiência de vida inesquecível, repleta de aprendizado, crescimento pessoal e oportunidades que marcaram minha trajetória de forma única.

Aos meus amigos de turma, em especial a Rafaela Mesquita, Rafaela Azevedo, Amanda, Mariana, Marina, Keila e João, compartilhar momentos, desafios e aprendizados com vocês tornou esta jornada ainda mais especial, e foi incrível ver todos nós crescendo juntos e nos tornando profissionais qualificados.

Aos meus amigos ouro-pretanos, em especial Aline, AnaVitta, Matheus, Soraia e Duda, obrigada por tornarem a experiência leve, divertida e por me acolherem tantas vezes. À Casa 6 (CONFUSÃO), que me recebeu de forma caótica justamente quando mais precisei: mesmo com a confusão diária, vocês sempre fizeram desse lugar um lar cheio de risadas e memórias inesquecíveis. Vocês estarão para sempre no meu coração.

Por fim, gostaria de agradecer a mim mesma, por não ter desistido e por acreditar que meus sonhos sempre valem a pena. Enfrentei grandes obstáculos, fui para outro país sozinha, me sustentei e cresci em cada experiência. Descobri que a jornada, com todos os obstáculos, me tornou mais forte, mais capaz e pronta para viver tudo o que a vida tem a oferecer.

“Não fui eu que lhe ordenei? Seja forte e corajoso! Não se apavore, nem se desanime, pois o Senhor, o seu Deus, estará com você por onde você andar”.

(Josué 1:9)

RESUMO

Este trabalho analisa a precarização do trabalho freelancer no setor de eventos em Ouro Preto (MG), investigando suas causas, formas de inserção e impactos na vida dos profissionais e na profissionalização do setor. A pesquisa adotou abordagem qualitativa, articulando revisão teórica, entrevistas semiestruturadas e aplicação de um formulário destinado a freelancers atuantes na cidade, permitindo compreender suas vivências, percepções e desafios cotidianos. A informalidade e a ausência de direitos são práticas amplamente naturalizadas no segmento, refletindo tendências nacionais de flexibilização e enfraquecimento das garantias trabalhistas. As condições encontradas, como remuneração variável, falta de treinamento, vínculo instável e jornadas extensas, evidenciam uma realidade marcada por insegurança econômica e sobrecarga física e emocional. No contexto local, o estudo mostra que a sazonalidade do turismo, a forte presença estudantil, a busca por redução de custos e a estrutura urbana limitada contribuem para manter o modelo freelancer como predominante. Apesar de essenciais para a realização de eventos culturais, sociais e acadêmicos, esses trabalhadores permanecem invisibilizados nas políticas públicas e pouco reconhecidos no planejamento do setor. Os resultados apontam ainda para a necessidade de melhorias organizacionais simples, como comunicação clara, orientações prévias e treinamento básico, que podem contribuir para atenuar os efeitos da precarização. A pesquisa reforça a importância de incluir o trabalhador como sujeito central nas discussões sobre turismo e eventos e indica caminhos para o fortalecimento do setor e valorização desses profissionais.

Palavras-chave: Trabalho; Freelancers; Turismo; Eventos; Precarização; Ouro Preto

ABSTRACT

This study analyzes the precarization of freelance work in the events sector in Ouro Preto (MG), investigating its causes, forms of entry, and impacts on professionals' lives and on the professionalization of the sector. The research adopted a qualitative approach, combining a theoretical literature review, semi-structured interviews, and the application of a questionnaire aimed at freelancers working in the city, allowing for an understanding of their experiences, perceptions, and everyday challenges. Informality and the absence of labor rights are widely naturalized practices in the segment, reflecting national trends of labor flexibilization and the weakening of employment guarantees. The conditions identified—such as variable remuneration, lack of training, unstable employment relationships, and long working hours—reveal a reality marked by economic insecurity and physical and emotional overload. In the local context, the study shows that the seasonality of tourism, the strong presence of students, cost-reduction strategies, and the city's limited urban infrastructure contribute to maintaining the freelance model as predominant. Despite being essential to the realization of cultural, social, and academic events, these workers remain invisible in public policies and are scarcely recognized in sector planning. The findings point to the need for simple organizational improvements, such as clear communication, prior guidelines, and basic training, which may help mitigate the effects of precarization. The research reinforces the importance of including workers as central subjects in discussions on tourism and events and indicates pathways toward strengthening the sector and enhancing the recognition of these professionals.

Keywords: Work; Freelancers; Tourism; Events; Precarization; Informality

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Faixa etária dos indivíduos	43
Gráfico 2 - Gênero dos indivíduos	44
Gráfico 3 - Nível de escolaridade	45
Gráfico 4 - Estado Civil	45
Gráfico 5 - Renda Média Mensal	46
Gráfico 6 - Localização	47
Gráfico 7 - Tempo que atua como freelancer no setor de eventos	48
Gráfico 8 - Frequência de prestação de serviços	48
Gráfico 9 - Tipos de eventos	49
Gráfico 10 - Função	50
Gráfico 11 - Trabalho Fixo	50
Gráfico 12 - Condições de trabalho	51
Gráfico 13- Tipo de contratação	52
Gráfico 14 - Remuneração	52
Gráfico 15 -Valores de Remuneração	53
Gráfico 16- Horas trabalhadas	53
Gráfico 17 -Valorização	54
Gráfico 18 - Dificuldades	55
Gráfico 19 -Trabalho formal	55

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ABEOC – Associação Brasileira de Empresas de Eventos
- ALCAN – Alumínio do Brasil
- ANM – Agência Nacional de Mineração
- CACOP – Convenções da Universidade Federal de Ouro Preto
- CAGED – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados
- CETEM – Centro de Tecnologia Mineral
- CFEM – Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais
- CLT – Consolidação das Leis do Trabalho
- EIR – *Economic Impact Research* (Pesquisa de Impacto Econômico)
- FNDCT – Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IFES – Instituições Federais de Ensino Superior
- IFMG – Instituto Federal de Minas Gerais
- IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
- MTur – Ministério do Turismo
- OIT – Organização Internacional do Trabalho
- OMT – Organização Mundial do Turismo
- PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
- SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
- UBRAFE – União Brasileira dos Promotores de Feiras
- UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto
- WTTC – Conselho Mundial de Viagens e Turismo (*World Travel & Tourism Council*)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1. Justificativa	10
1.2. Objetivo Geral	11
1.3. Objetivos Específicos	11
2. PANORAMA DA PRECARIZAÇÃO NO TRABALHO CONTEMPORÂNEO E NO SETOR DE EVENTOS	13
2.1. O mundo do trabalho no século XXI: reestruturação produtiva e novas formas de contratação	16
2.2. Precarização do trabalho: conceitos e manifestações	20
2.3. Setor de Eventos e o trabalho no turismo	23
2.4. Modelos de contratação	26
3. O SETOR DE EVENTOS EM OURO PRETO E A EXPERIÊNCIA DOS FREELANCERS	29
3.1. Ouro Preto: contexto socioeconômico e a relevância do setor de eventos	29
3.2. Contexto econômico de Ouro Preto	32
3.3. Atribuição do setor de eventos em Ouro Preto	35
3.4. Metodologia	40
3.5. Perfil e condições de trabalho dos freelancers no setor de eventos de Ouro Preto	43
3.6. Fatores que moldam a contratação de freelancers na cidade	57
4. DISCUSSÃO DA PRECARIZAÇÃO E RECOMENDAÇÕES PARA O CONTEXTO OUROPRETANO	60
4.1. A Precarização vivida: conectando teoria e os achados de Ouro Preto	60
4.2. Impactos da precarização para os profissionais e para o setor de eventos local	65
4.3. Caminhos para a valorização do trabalho freelancer em Ouro Preto: propostas e recomendações	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS	72
APÊNDICE 1 - Questionário realizado para a Pesquisa	80
APÊNDICE 2 - Roteiro De Entrevista Semiestruturada	84

1. INTRODUÇÃO

O turismo, mais do que uma simples atividade econômica ou recreativa, é um fenômeno social que se insere nas lógicas de produção e reprodução do capital. Conforme argumenta Souza (2016), o turismo está diretamente relacionado às transformações do modo de produção capitalista, que, ao promover o acúmulo de excedentes e a possibilidade de poupança, criou as condições materiais para que determinadas parcelas da população pudessem acessar a experiência de viajar. Assim, essa prática, que inicialmente era privilégio de poucos, passou a se expandir em função das estruturas de valor de troca e consumo, refletindo também sobre a organização do trabalho e da sociedade.

De acordo com a Organização Mundial do Turismo (OMT, 1994), “o turismo compreende as atividades realizadas pelas pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes do seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, por lazer, negócios ou outros”. No entanto, para que esse deslocamento aconteça, não basta a existência de turistas e atrativos: é imprescindível o envolvimento de profissionais que operam nos bastidores da atividade, tornando possível a experiência turística. Esses trabalhadores, muitas vezes, pouco vistos nas análises convencionais, são peças fundamentais para o funcionamento do setor.

Por conseguinte, o presente trabalho tem como foco a precarização das condições de trabalho no setor de eventos em Ouro Preto (MG), com especial atenção à contratação de profissionais freelancers. A escolha do tema surgiu a partir de observações feitas pela autora durante o estágio obrigatório em uma empresa de organização de eventos na cidade. Foi possível perceber que há uma forte dependência desse tipo de força de trabalho, utilizada de maneira recorrente e, em muitos casos, como base principal das operações em eventos de diferentes portes.

Sendo assim, a exploração da atividade turística envolve um conjunto diverso de práticas econômicas e sociais, com potencial de gerar empregos, produzir renda, atrair investimentos em infraestrutura e contribuir para o desenvolvimento local (Acarenza, 2002). Neste cenário, ganham destaque as empresas prestadoras de serviços e os trabalhadores que atuam na linha de frente, responsáveis pela operacionalização e pela prestação de serviços aos visitantes. Apesar de o turismo ser uma atividade essencialmente dependente da força de trabalho humana, os estudos acadêmicos sobre o setor têm historicamente negligenciado o trabalhador como sujeito central de análise. Outro aspecto relevante é que a economia contemporânea tem imposto desafios às organizações brasileiras, especialmente no setor de

serviços, no qual o turismo está inserido. Pressionadas por um mercado altamente competitivo, as empresas buscam estratégias que garantam sua sobrevivência financeira, muitas vezes optando por modelos de contratação mais flexíveis e menos onerosos.

Em um contexto marcado por transformações globais nas relações de trabalho, nota-se que os profissionais do setor de turismo vêm enfrentando um enfraquecimento de suas garantias trabalhistas. A flexibilização das leis, impulsionada por interesses voltados à ampliação dos lucros empresariais, tem resultado na supressão de direitos. Esse cenário, como aponta Siqueira (2010), favorece uma exploração mais intensa da força de trabalho, refletida no aumento indireto da mais-valia.

Diante desse cenário, emerge o seguinte problema de pesquisa: de que maneira a utilização recorrente de trabalhadores freelancers no setor de eventos em Ouro Preto (MG) expressa e/ou intensifica processos de precarização das relações de trabalho? Parte-se da hipótese de que a predominância de vínculos informais e flexíveis configura uma estratégia empresarial de redução de custos, ao mesmo tempo em que transfere riscos e instabilidades para os trabalhadores.

1.1. Justificativa

A presente pesquisa se justifica diante da crescente necessidade de compreender os impactos da preferência pela contratação de freelancers no setor de serviços, com ênfase nas empresas de eventos. Essa tendência tem provocado mudanças significativas nos processos de trabalho, nas estratégias de contratação e nas relações com os clientes, exigindo das empresas uma constante adaptação organizacional e operacional.

O setor de serviços representa uma das principais engrenagens da economia contemporânea, tanto pela geração de empregos quanto pela contribuição ao desenvolvimento local. No entanto, enfrenta desafios recorrentes, como a sazonalidade da demanda e a instabilidade no volume de trabalho, o que muitas vezes leva à adoção de soluções mais flexíveis, como a contratação de profissionais autônomos. Nesse contexto, a contratação de freelancers surge como uma alternativa estratégica, especialmente por oferecer menor custo trabalhista e maior agilidade na gestão de pessoal.

Segundo Louro (2019), embora a formação técnica seja relevante para o desempenho de funções no setor de serviços, muitas vezes a sensibilidade e a disposição do profissional para atender às necessidades dos clientes são suficientes para garantir um serviço de qualidade. Isso permite às empresas considerarem a contratação de força de trabalho

temporária mesmo sem formação específica, desde que o profissional demonstre habilidade prática e boa adaptação às exigências do serviço.

Pesquisas de autores como Souza (2016) destacam que o trabalhador é, portanto, essencial no desenvolvimento do Turismo, mas verificou-se que acaba por participar nos estudos e pesquisas da área somente como coadjuvante dos assuntos, negligenciado como objeto de estudo nos periódicos científicos. Conforme destacado pela autora, há estudos que exploram certos aspectos da rotina de trabalho no setor do turismo, porém esses estudos costumam se concentrar predominantemente nas perspectivas do turista, das empresas ou em questões relacionadas à inserção dos trabalhadores no mercado de trabalho.

Entender como essa lógica tem moldado o setor de eventos é fundamental para identificar não apenas as oportunidades, mas também os riscos e desafios associados a esse modelo de contratação. A ausência de vínculos trabalhistas formais, por exemplo, pode gerar precarização das condições de trabalho, enquanto a flexibilidade pode ser vantajosa para empresas que lidam com demandas sazonais e orçamentos reduzidos. Sendo assim, este estudo busca contribuir para o avanço do conhecimento acadêmico sobre as relações de trabalho no setor de eventos e oferecer subsídios relevantes para empresários, profissionais autônomos e gestores públicos.

1.2. Objetivo Geral

Este trabalho tem como objetivo analisar a precarização do trabalho de freelancers no setor de eventos em Ouro Preto (MG).

1.3. Objetivos Específicos

- Caracterizar as condições de trabalho e os elementos que configuram a precarização entre profissionais freelancers do setor de eventos em Ouro Preto (MG), com base na literatura especializada e na realidade empírica local.
- Analisar os fatores que contribuem para a predominância do modelo de contratação freelancer no setor de eventos em Ouro Preto (MG), considerando a perspectiva dos profissionais atuantes e as dinâmicas socioeconômicas da

cidade.

- Propor recomendações que contribuam para a valorização dos freelancers e para a mitigação dos efeitos da precarização no setor de eventos em Ouro Preto (MG).

Este estudo é uma pesquisa prática, que busca entender melhor o tema de forma exploratória e descritiva, usando tanto métodos qualitativos quanto quantitativos. A pesquisa foi feita na cidade de Ouro Preto (MG), com profissionais freelancers que atuam na área de eventos. Para coletar os dados, foram utilizados um questionário estruturado, respondido por 23 pessoas, e entrevistas semiabertas com dois profissionais do setor. Depois, os dados foram analisados usando a técnica de Análise de Conteúdo, de Bardin (2011), com o objetivo de identificar categorias relacionadas à informalidade, à instabilidade e às condições precárias das relações de trabalho.

O trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro, fazemos uma introdução que explica o tema, a importância da pesquisa e seus objetivos. O segundo capítulo fala sobre a situação de precarização no trabalho atualmente, com foco no setor de eventos. No terceiro, apresentamos o contexto socioeconômico de Ouro Preto, explicamos a metodologia que usamos e mostramos os resultados obtidos na pesquisa. Por fim, o quarto capítulo discute os principais achados, relacionando-os com a teoria estudada, além de sugerir recomendações para valorizar mais os profissionais freelancers na nossa região.

2. PANORAMA DA PRECARIZAÇÃO NO TRABALHO CONTEMPORÂNEO E NO SETOR DE EVENTOS

A busca por formas autônomas de ocupação ou a procura de complementação de renda extra no Brasil não decorre apenas de uma escolha individual, mas de um sistema socioeconômico que falha em oferecer garantias básicas. Para Peres (2023) o contexto do Brasil, para o trabalho assalariado protegido, nunca se tornou uma realidade generalizada. Embora muitos tenham experimentado essa forma de emprego, muitas posições salariais são marcadas pela precariedade, como baixa remuneração e desrespeito às leis trabalhistas. Essa situação explica a “naturalidade” com que as pessoas no Brasil buscam viver de forma autônoma. Pressionados pela necessidade, elas precisam criar suas próprias oportunidades de trabalho e renda, recorrendo ao trabalho informal ou autônomo. Essa "naturalidade" também revela por que muitas posições salariais não atendem às expectativas de quem busca meios de vida em um sistema socioeconômico desigual e mercantilizado (Peres, 2023).

A natureza altamente dependente do turismo em relação à demanda e à disponibilidade financeira dos turistas torna os trabalhadores vulneráveis às oscilações econômicas, aliada às recentes mudanças nos modos de produção, que estão em sintonia com as transformações estruturais do mercado de trabalho.

Dos aspectos positivos estimulados pela atividade turística, a justificativa da geração de emprego e renda apresenta como o principal argumento. Dentre os destaques desta multifacetada segmento, estão as empresas prestadoras de serviços e os trabalhadores que atuam na linha de frente do funcionamento da atividade turística desempenhando um papel fundamental na operacionalização e na prestação de serviços. Conforme Pesquisa de Impacto Econômico (EIR) de 2024, realizada pelo Conselho Mundial de Viagens e Turismo (WTTC) em parceria com a Oxford Economics, a previsão é de que, até o final de 2024, o setor de turismo empregue mais de 8 milhões de pessoas no Brasil, o que corresponde a aproximadamente 8,1% do total de postos de trabalho no país.

O setor de eventos, em particular, tem enfrentado com os cancelamentos e adiamentos de eventos durante a pandemia de ¹COVID-19 mesmo meses após as reaberturas, levando ao fechamento de empresas e à perda de empregos nessa área específica. Em momentos de crise

¹ A pandemia de COVID-19 foi uma crise sanitária global causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, identificado pela primeira vez em dezembro de 2019, na China. Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou oficialmente a COVID-19 como uma pandemia, devido à sua disseminação em escala mundial. A doença provocou impactos profundos na saúde pública, na economia e nas relações sociais em todo o planeta

no sistema capitalista, as falhas relacionadas ao sistema se intensificam, recaindo principalmente sobre os trabalhadores. No setor de eventos, essa situação não foi diferente.

Todavia, é na agravamento destas falhas que as desigualdade entre o fundamento capitalista e o interesse da sociedade se destaca e formam novas estruturas. Tais arranjos também estão presentes no setor de turismo, como evidenciado por Souza (2016), que identificou uma discrepância nos estudos sobre os trabalhadores da área. Durante sua pesquisa, a autora observou que a precarização dos profissionais freelancers no setor de eventos permanece em evidência, especialmente nos estudos relacionados a esse tema. Portanto, neste capítulo, nos dedicamos a entender como se dá o processo de precarização dos profissionais freelancers no trabalho do setor de eventos (Souza, 2016).

Nesse sentido, o relatório *World Employment and Social Outlook: Trends 2025*, divulgado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), a informalidade continua sendo uma característica marcante do mercado de trabalho global. Segundo o documento, cerca de três em cada cinco trabalhadores no mundo atuam em condições informais, sem acesso a direitos trabalhistas e proteção social (OIT, 2025, p.14). Entre 2023 e 2024, com a desaceleração do emprego formal, 23 milhões de pessoas passaram a integrar a força de trabalho informal, com maior concentração em países de baixa renda (OIT, 2025, p.14). A informalidade, associada à persistência da pobreza laboral, permanece como um desafio estrutural, cuja superação ainda se restringe a algumas regiões da Ásia e da América Latina (OIT, 2025, p.16).

Deste modo, podemos apontar o conceito de superexploração da força de trabalho, a qual é uma categoria central da Teoria Marxista da Dependência, formulada por Ruy Mauro Marini (2005), e ajuda a compreender as características do funcionamento do capitalismo em economias dependentes, como a brasileira. De modo geral, esse conceito refere-se a situações em que os trabalhadores recebem uma remuneração inferior ao valor necessário para garantir sua própria reprodução social, o que compromete suas condições de vida e trabalho (Marini, 2005).

Para o autor, a superexploração se expressa, principalmente, por três ferramentas: o aumento da intensidade do trabalho sem a correspondente equivalência salarial; a ampliação da jornada de trabalho sem remuneração proporcional; e a redução direta dos salários a níveis insuficientes para garantir que a força de trabalho continue existindo e se mantenha. Esses mecanismos, podem acontecer juntos, não são eventos isolados, mas fazem parte da dinâmica estrutural das economias dependentes (Marini, 2005). Para Marques (2013), esse padrão de exploração funciona como uma estratégia para compensar as limitações impostas pela

dependência econômica e pela transferência de valor para os países centrais, acentuando, ao mesmo tempo, as desigualdades sociais e o enfraquecimento dos direitos trabalhistas.

Os efeitos desse processo sobre a classe trabalhadora são significativos e duradouros. A superexploração contribui para a precarização das relações de trabalho, para a instabilidade profissional e para a ampliação da informalidade. Além disso, muitos trabalhadores passam a recorrer a formas autônomas de ocupação ou à complementação de renda como alternativa à insuficiência dos recursos e à ausência de proteção social. Conforme aponta Almeida Filho (2013), essas estratégias, embora necessárias para a sobrevivência, acabam reforçando um mercado de trabalho marcado pela insegurança e pela naturalização de vínculos laborais precários.

Por conseguinte, o relatório da Organização Internacional do Trabalho (OIT) também destaca que o setor de turismo é uma fonte significativa de emprego em diversas regiões, como por exemplo do Caribe, onde mais de 40% do total de empregos estão ligados a essa área. O turismo é um setor que absorve significativamente jovens e mulheres, embora essa força de trabalho enfrente o desafio constante de ocupações informais e intermitentes. No contexto de Ouro Preto, cidade com forte vocação cultural e patrimonial, eventos como festivais, congressos e feiras geram um número significativo de empregos temporários, os quais também se caracterizam pela informalidade, refletindo as tendências globais do setor.

É possível notar, que o cenário do trabalho está passando por uma transformação significativa, movida pela tecnologia, pelas novas expectativas das gerações mais jovens e pela crescente busca por flexibilidade, tanto por parte dos profissionais quanto das empresas. De acordo com matéria publicada pela Forbes(2025) destaca como, cada vez mais, trabalhadores, especialmente da ²Geração Z, têm se atraído pela autonomia, pela possibilidade de gerenciar múltiplos projetos ou de atuar em áreas que despertam seu interesse. Essa forma de trabalho, que rompe com o modelo tradicional de emprego fixo ou formal, oferece uma atividade é uma adaptação fundamental em um mercado de trabalho que está em constante evolução.

Nesse sentido, a tecnologia, em especial a inteligência artificial e as plataformas digitais, têm desempenhado um papel crucial no crescimento do trabalho sem vínculo, como destacado também na matéria da Forbes(2025). O domínio de ferramentas digitais e o

² De acordo com Campeiz, a Geração Z é composta por indivíduos nascidos, em geral, entre meados da década de 1990 e o início dos anos 2010. Essa geração cresceu em um contexto marcado pela popularização da internet, das redes sociais e das tecnologias digitais, o que influencia diretamente seu modo de se comunicar, consumir e se relacionar com o trabalho. No mercado, costumam buscar maior autonomia, propósito e flexibilidade, o que contribui para a sua expressiva presença em atividades informais, autônomas ou baseadas em projetos.

"letramento tecnológico" se tornaram essenciais para quem deseja prosperar nesse novo cenário. Além disso, a valorização crescente de habilidades específicas, em desfavor de diplomas tradicionais, têm criado novas oportunidades para profissionais que constroem suas carreiras com base em projetos e na demonstração de expertise prática. Para as empresas, o trabalho sem vínculo tem sido uma maneira ágil de acessar talentos especializados, adaptando-se às demandas do mercado e otimizando custos, especialmente em momentos de necessidade de expertise pontual.

Embora o trabalho sem vínculo ofereça flexibilidade e novas possibilidades, ele também traz desafios importantes. A falta de um vínculo empregatício tradicional pode gerar insegurança em relação à estabilidade financeira, aos benefícios sociais e aos direitos trabalhistas. Profissionais autônomos enfrentam a necessidade de se autogerenciar, buscar constantemente novos clientes e assumir toda a responsabilidade pela sua carreira. Esse modelo exige habilidades adicionais e uma mentalidade empreendedora mais forte. Para o futuro do trabalho, é essencial repensar como as estruturas legais e sociais podem se adaptar a essa realidade, oferecendo proteção e garantindo o bem-estar dos trabalhadores sem vínculo, ao mesmo tempo em que se aproveita o potencial de inovação e flexibilidade que esse tipo de trabalho oferece.

2.1. O mundo do trabalho no século XXI: reestruturação produtiva e novas formas de contratação

De acordo com Nildo de Melo(2019), a crise do sistema Fordista se deu a partir da década de 1970, período que surgiu o movimento de reestruturação produtiva do capitalismo. Por meio de médias voltadas à retomada da acumulação e reprodução do capital, como multinacionalização econômica e financeira, o fortalecimento e aplicação de políticas neoliberais e a implementação de novas tecnologias no processo de produção, caracterizando uma nova revolução industrial, com isso uma nova estruturação do trabalho, tanto no processo produtivo quanto no mundo do trabalho (De Melo, 2019).

A ascensão da racionalidade neoliberal, que teve origem na recessão da década de 1970 e suas consequências, como desemprego e austeridade fiscal, promoveu um modelo marcado principalmente pela privatização de empresas públicas, pela desregulamentação da economia e pela defesa de que a liberdade dada aos atores privados é sempre mais eficiente do que a intervenção ou regulação pública (Harvey, 2005; Dardot, Laval, 2016). Essas novas práticas na organização industrial, social e política deram origem a um novo regime de

acumulação, descrito por Harvey (1998) como "acumulação flexível", caracterizado pela flexibilidade dos processos, dos mercados de trabalho, dos produtos e dos padrões de consumo (Harvey, 1998).

Até a década de 1970, problemas como desemprego, desigualdade social e inflação eram atribuídos ao capitalismo, mas passaram a ser vistos como falhas do Estado. Isso ocorreu com a crítica aos mecanismos de assistência social, que foram acusados de eximir os indivíduos de suas responsabilidades. Assim, crises sociais começaram a ser percebidas como crises individuais, e as desigualdades passaram a ser vistas como resultado das escolhas pessoais (Dardot, Laval, 2016). O ideal de eficácia empresarial foi aplicado ao nível individual, esperando-se que o trabalhador agisse como se gerisse sua própria "empresa pessoal". Técnicas de motivação e incentivo foram usadas para fazer o indivíduo trabalhar como se o fizesse para si mesmo, alinhando seu sucesso pessoal com o da empresa (Oltamari, Paula, Ferraz, 2014).

Com o avanço tecnológico e o aumento da subcontratação, terceirização e emprego temporário, o modelo de "acumulação flexível" ganhou força. As indústrias se organizaram, investindo em tecnologia de ponta e adotando novos padrões de gestão, como o modelo japonês de terceirização e qualidade total (Druck, Franco, 1997). Isso resultou no enfraquecimento dos sindicatos, com uma crescente tendência de negociações individuais (Druck, Franco, 1997).

Para Luiz Machado (2002) a ideia de "informalidade" surgiu na década de 60 para explicar a dificuldade de integrar os trabalhadores, especialmente os migrantes do campo, ao processo produtivo durante esse período. Muitas abordagens teóricas e conceituais tinham como referência o emprego assalariado estável e a harmonização entre produção e consumo dos países desenvolvidos, especialmente o modelo de bem-estar europeu. Nesse contexto, o debate focou em como e quando os trabalhadores desfavorecidos, em sua maioria imigrantes, seriam integrados ao trabalho formal com plenos direitos (Machado, 2002). Desta discussão nascem quatro teorias, as quais Guimarães (2015) define como

A da "modernização", que via a informalidade como uma fase transitória, acreditando que o desenvolvimento econômico levaria os trabalhadores a se tornarem assalariados, A da "marginalidade", também usa esse referencial, mas destaca as dificuldades em superar o desequilíbrio estrutural; a teoria da "dependência" sugeria uma diferenciação entre o exército de reserva, que desempenha um papel no capitalismo e precisa ser sustentado, e o trabalho excedente, que é uma "massa marginal" sem função, onde se encontram os trabalhadores informais, "superexploração", que argumentava que o trabalho informal era funcional para reduzir os custos de reprodução social da força de trabalho nas cidades (Guimarães, 2015).

No Brasil a reestruturação produtiva teve seu início a partir dos anos 1990, com o surgimento de novas tecnologias, transformando o mundo do trabalho como conhecemos. Sendo uma das principais características do novo modelo o aumento na demanda, e a regulamentação de novas ou antigas formas de trabalho, como a terceirização, trabalho por tempo determinado e o por tempo parcial, dentre outras. Como destacam os autores Krein, Gimenez e Dos Santos (2018, p 35) “uma agenda de liberalização comercial e financeira, privatizações, reforma fiscal regressiva, maior flexibilização do mercado de trabalho, entre outros aspectos, que formaram uma teia complexa de reformas estruturais” destacam os autores (Krein, Gimenez e Dos Santos, 2018,p 35).

A informalidade sempre esteve presente na estrutura produtiva brasileira, mas nas últimas décadas ela tem assumido novas roupagens, especialmente com a disseminação de discursos que exaltam a flexibilidade e o empreendedorismo individual como sinônimos de liberdade. No entanto, essa suposta autonomia muitas vezes oculta relações de trabalho profundamente precarizadas, nas quais o trabalhador assume todos os riscos, sem qualquer tipo de garantia ou proteção legal. O que antes era considerado uma condição excepcional, trabalhar sem carteira assinada, sem férias, sem 13º ou previdência, passou a ser visto como parte natural do cotidiano de milhões de brasileiros.

Esse processo de naturalização do trabalho autônomo precário ganhou força com a Reforma Trabalhista de 2017, que abriu espaço para contratos mais flexíveis e reduziu a presença do Estado na mediação das relações laborais. Como analisam Cardoso e Druck (2020), a reforma “promoveu a desproteção do trabalhador, legalizando formas de contratação que fragilizam o vínculo empregatício e ampliam a subordinação via ‘autonomia’” (Cardoso; Druck, 2020, P. 52). Assim, o que é apresentado como liberdade contratual, na prática, se traduz em insegurança, instabilidade e intensificação do trabalho.

No início da década de 2000, os estudos apontavam que o setor de serviços é definido por um alto nível de informalidade (Ulysea, 2005), um dos frutos da flexibilização. Com o passar do tempo, foi observado que esta afirmação não houve alteração, como podemos destacado por Krein, Gimenez e Dos Santos “A flexibilidade está expressa na alta rotatividade. No entanto, outras modalidades avançaram no mercado de trabalho, entre as quais se destacam a terceirização, a ‘pejotização’ e a ‘uberização’ ”. Destacando a terceirização, os autores também salientam a intrínseca ligação com a precarização do trabalho (Krein, Gimenez e Dos Santos, p 18, 2018).

A terceirização é mais uma expressão da estratégia de gestão da força de trabalho da empresa, pois a contratante continua tendo controle e influência na determinação do produto ou serviço sobre a contratada. Druck (2016) afirma que a terceirização e a

precarização são indissociáveis, resultando na “precarização social do trabalhador”.¹³ Essa realidade se expande e, como alertam Teixeira e Krein (2015), avança por todos os segmentos econômicos, inclusive pelo setor público, ainda que mais intensamente no setor de serviços. (Krein, Gimenez e Dos Santos, p 108, 2018)

Segundo Antunes (2015, p.38), é um período em que há “a destruição e/ou precarização, sem paralelos em toda era moderna, da força humana que trabalha”. O autor define os níveis de precarização como: intensos processos de terceirização, trabalho informal, exigência de contratos em modelo de pessoa jurídica por imposição do capital e trabalho voluntário (Antunes, 2015). Em acordo com o também autor Paulo Meliani (2010) o termo precariedade remete a ausência de estabilidade, ou seja, tudo aquilo inseguro ou incerto como os trabalhos temporários ou freelancers sem quaisquer vínculos trabalhistas (Meliani, 2010).

A palavras “precariedade” se refere a inexistência de duração e de solidez, ou seja, aquilo que é descontínuo, instável, incerto, curto, fugaz, fugidio. Precariedade e a ausência de segurança que permite às pessoas e as famílias assumir responsabilidade elementares, bem como de usufruir seus direitos fundamentais. (Krein, Gimenez e Dos Santos, p 108, 2018)

No final do ano de 2016 e início de 2017, durante o governo do ex-presidente Michel Temer, foram sancionadas algumas leis trabalhistas que potencializou a “reestruturação produtiva” no Brasil.

Como parecem corroborar os indicadores relativos à qualidade dos postos de trabalho – notadamente a taxa de informalidade, tratada logo abaixo – tais mudanças na composição estrutural das atividades produtivas parecem conduzir a uma tendência geral de precarização do trabalho no Brasil, independentemente do marco legal que lhe esteja subjacente, que pode ser agravada ainda mais em virtude das reformas trabalhistas de caráter liberalizantes que foram aprovadas recentemente. (Manzano; Caldeira, 2016)

Uma das principais mudanças significativas para o desenvolvimento foi a lei da terceirização. No final de março deste ano, o presidente em exercício, Michel Temer, sancionou a Lei ordinária 13.429 de 31 de março de 2017, que modificou regulamentos da Lei 6.019, de 3 de janeiro de 1974 que libera a terceirização total, legalizando uma prática previamente denunciada por movimentos sociais e sindicatos.

Anteriormente a sanção, a prática da terceirização se resumia na contratação de funcionários externos à empresa para realização de atividade específica, estabelecendo teoricamente uma relação entre duas empresas em vez de uma relação direta entre empregador e empregado, mas apenas para atividades secundárias, ou seja, aquelas não diretamente

relacionadas com o objetivo principal da empresa. Portanto, o que era comum era a subcontratação de serviços como limpeza e serviços gerais³.

Esse modelo afeta especialmente trabalhadores inseridos em atividades sazonais e sob demanda, como é o caso dos freelancers do setor de eventos. Em cidades como Ouro Preto, muitos desses profissionais são contratados de forma pontual, sem qualquer vínculo formal, e têm sua atuação reduzida a uma lógica de prestação de serviço temporária. Não há garantias de continuidade, previsibilidade de renda ou acesso a direitos. Como afirmam os autores, “o discurso da modernização das relações de trabalho encobre a intensificação da precariedade e o aumento das desigualdades” (Cardoso; Druck, 2020, p. 54).

A informalidade, longe de ser uma escolha voluntária, é, em muitos casos, a única alternativa para quem busca se manter ativo no mercado de trabalho. No entanto, essa escolha forçada mascara as reais condições de trabalho e inviabiliza as dificuldades enfrentadas diariamente por esses profissionais. É preciso, portanto, romper com a ideia de que o trabalho autônomo é sempre sinônimo de liberdade e reconhecer que, em muitos contextos, ele representa a continuidade de uma lógica de exploração desprotegida, amparada por políticas que favorecem o capital em detrimento dos direitos sociais.

Nesse contexto, o conceito de superexploração da força de trabalho, desenvolvido pelo autor Marini (2005), contribui para aprofundar a compreensão dessas transformações no mundo do trabalho brasileiro. Segundo o autor, a superexploração ocorre quando a força de trabalho é remunerada abaixo do valor necessário para sua reprodução, tornando-se um mecanismo estrutural das economias dependentes (Marini, 2005). Essa ideia ajuda a entender por que a informalidade, a terceirização e as formas flexíveis de contratação, que são bastante abordadas neste trecho, não são exceções ou erros do sistema. Na verdade, elas são estratégias comuns usadas para organizar o trabalho. Em setores marcados pela sazonalidade e pela contratação sob demanda, como o setor de eventos, essas dinâmicas tendem a se intensificar, transferindo ao trabalhador os riscos da atividade lucrativa e fragilizando suas condições de vida e trabalho.

2.2. Precarização do trabalho: conceitos e manifestações

³AGÊNCIA BRASIL. Entenda o projeto de lei da terceirização aprovado pela Câmara. Agência Brasil, 2017. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2017-03/entenda-o-projeto-de-lei-da-terceirizacao-aprovado-pela-camara>. Acesso em: 10 ago. 2024.

A precarização do trabalho é uma realidade que, embora muitas vezes normalizada, carrega profundas marcas de desigualdade, insegurança e fragilidade para quem vive dela. Em um contexto de reestruturação produtiva e avanço do neoliberalismo, como destaca Antunes (2018), a noção de trabalho está sendo redesenhada. Os vínculos empregatícios tradicionais, baseados em estabilidade, direitos e garantias, têm sido substituídos por formas flexíveis, informais e temporárias, nas quais o trabalhador passa a ser visto como um prestador de serviços sob demanda e não mais como sujeito de direitos.

No processo de mudança na forma de trabalhar, o setor de serviços se destaca como um dos principais espaços onde aparecem as formas atuais de precarização do trabalho. A expansão desse setor veio junto com o crescimento da informalidade, da rotatividade e da maior flexibilidade nos vínculos empregatícios, muitas vezes por meio de contratos temporários, terceirizados ou trabalhos autônomos. Nesse cenário, o trabalho nesse setor costuma ser organizado de maneira fragmentada e sob demanda, deixando para o trabalhador os riscos da atividade. Por isso, a estabilidade e a proteção social acabam sendo exceções, criando um ambiente onde a insegurança e a instabilidade se tornam parte do dia a dia no trabalho.

Essa transição não é neutra nem espontânea: ela carrega um discurso sedutor de liberdade e autonomia, muito presente entre os chamados freelancers ou trabalhadores por conta própria. No entanto, na prática, o que se observa é uma crescente individualização dos riscos do trabalho. Ao assumir múltiplas funções, arcar com seus próprios custos e depender da instabilidade da demanda, esse profissional encontra-se desamparado diante de situações adversas, sem amparo legal, sem contrato fixo, sem direitos básicos como férias, 13º salário ou acesso à previdência social. Como afirma Antunes, vivemos uma realidade marcada por “um processo de transfiguração do assalariamento, que combina informalidade, subcontratação, terceirização e múltiplas formas de precarização” (Antunes, 2018, P. 69).

No setor de eventos, essa precarização ganha contornos ainda mais evidentes. Em cidades históricas como Ouro Preto, por exemplo, muitos freelancers atuam em diversas etapas da organização de eventos: montagem de estruturas, recepção, apoio logístico, limpeza, produção cultural, entre outros. São profissionais que frequentemente trabalham jornadas longas, sob pressão de prazos apertados e com pouca ou nenhuma garantia contratual. Muitos sequer sabem se serão pagos no prazo ou se terão novas oportunidades após o encerramento do evento. A cada edição, precisam "se provar" novamente, sem nenhuma segurança de continuidade.

Essa instabilidade constante não afeta apenas a renda ou a carreira desses trabalhadores. Ela também mina sua saúde mental, seu planejamento de vida e seu sentimento de pertencimento profissional. A flexibilidade, como característica estrutural do atual modelo produtivo, tende a intensificar o ritmo do trabalho, dissolver as fronteiras entre o tempo pessoal e o tempo laboral e promover o que Antunes chama de “management by stress”, ou seja, o gerenciamento por meio do estresse constante (Antunes, 2018, P. 74).

A informalidade, os contratos intermitentes e a pejetização formam o que o autor denomina de “nova morfologia do trabalho”, na qual trabalhadores passam a atuar em regimes híbridos, desprovidos de amparo legal e sujeitos à lógica da autoexploração (Antunes, 2018, P. 72–73). Nesse modelo, os freelancers são incorporados como uma camada invisível do novo proletariado de serviços, sem acesso a direitos básicos nem reconhecimento institucional (Antunes, 2018, P. 88).

Por isso, discutir a precarização do trabalho hoje exige olhar para além dos números e das estatísticas. É necessário ouvir as vozes desses trabalhadores, entender suas rotinas, seus medos, seus limites. Antunes (2018) nos lembra que o trabalho continua sendo central na vida das pessoas não apenas como meio de subsistência, mas como espaço de identidade, dignidade e projeto de vida. Quando o trabalho se torna precário, é a vida que se fragiliza.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que, atualmente, cerca de 38,9 milhões de pessoas, o equivalente a uma parcela significativa da população economicamente ativa, encontram-se ocupadas informalmente. Esse número inclui empregados do setor privado sem carteira assinada, trabalhadores por conta própria sem CNPJ, empregadores informais, trabalhadores domésticos sem registro e auxiliares em negócios familiares sem remuneração formal (IBGE, 2024).

Essa diversidade de situações revela o quanto a informalidade está enraizada nas estruturas produtivas do país e afeta diretamente a qualidade de vida dos trabalhadores. A ausência de registro formal significa, na prática, exclusão de direitos básicos, como acesso à previdência, seguro-desemprego, férias remuneradas e estabilidade mínima. Além disso, esses trabalhadores enfrentam baixa proteção contra abusos, inconsistência de renda, dificuldades para acessar crédito de habitação ou serviços públicos, e maior vulnerabilidade em períodos de crise, como evidenciado durante a pandemia da COVID-19.

No setor de eventos, e particularmente no contexto de cidades turísticas como Ouro Preto, a informalidade é ainda mais visível. A lógica da sazonalidade e da terceirização tende a reforçar relações de trabalho temporárias e não formalizadas, como é o caso dos freelancers, que atuam em áreas como produção, montagem, recepção, limpeza e apoio técnico. Embora

sua contribuição seja essencial para o sucesso dos eventos, esses profissionais muitas vezes permanecem invisibilizados nas estatísticas e nas políticas públicas, reproduzindo localmente a mesma lógica de precarização identificada em nível nacional.

A análise desses dados evidencia, portanto, que o fenômeno da precarização não se restringe a setores específicos, mas é um traço estrutural do modelo de acumulação vigente no Brasil e no mundo, que opera por meio da flexibilização dos vínculos de trabalho, da informalidade e da transferência dos riscos da atividade para o próprio trabalhador.

2.3. Setor de Eventos e o trabalho no turismo

Dentro da segmentação do Ministério do Turismo (Mtur), o setor de eventos se caracteriza por Turismo de Negócios e Eventos. Deste modo, o Mtur define como interligação entre negócios e eventos e tem como definição “ o conjunto de atividades turísticas decorrentes dos de interesse profissional, associativo, institucional, de caráter comercial, promocional, técnico, científico e social” (LEI Nº 9.254 de 26 de abril de 2021).

Para Hoeller (2002) eventos é um segmento do turismo que se baseia no propósito específico da atividade turística. Ele é voltado para interesses profissionais e culturais, sendo realizado através de congressos, convenções, simpósios, feiras, encontros culturais, reuniões internacionais, entre outros. Atualmente, é uma das atividades econômicas que mais cresce no mundo (Hoeller, 2002).

Assim, pode-se notar que o processo resultante da promoção de eventos terá um impacto significativo na utilização dos equipamentos e serviços turísticos nas regiões que os organizam, além de ajudar na divulgação de suas diversas atrações. Essas estratégias de comunicação, por sua vez, contribuirão para aumentar a visitação e gerar uma demanda específica (Albuquerque, 2004).

A atividade do turismo tem sofrido cada vez mais mudanças em relação à qualidade dos empregos ofertados. Como salienta o autores Oliveira e Gomes “o turismo se constitui como uma importante alternativa econômica no espaço geográfico, criando empregos, gerando renda, preservando a natureza, proporcionando o bem estar social e, principalmente contribuindo para o processo de reprodução e acumulação de capital, assumindo importância no modelo de acumulação capitalista contemporâneo”(Oliveira e Gomes, 2022).

De acordo com Oliveira Silva, Bantim e Costa (2021) o turismo gera inúmeros postos de trabalho nos mais variados setores pois para que os viajantes se divirtam no destino turístico há trabalhadores executando tarefas diversas nos bastidores.

Os eventos mobilizam um grande número de profissionais, pessoas, mercadorias, empresários, e ao mesmo tempo em que revelam e promovem o surgimento de empresas especializadas, geram empregos e conseqüentemente contribui com a geração de rendas. Além de promover relações espaciais nas mais diversas escalas, esses eventos articulam agentes e processos a uma mundialidade que ultrapassa a escala do lugar, promovendo conflitos entre a vida cotidiana e a escala de acumulação da economia mundializada, norteadora da reprodução do capital no espaço das cidades (Oliveira; Gomes, P 303, 2023)

No setor de eventos, em que grande parte dos colaboradores possui contratos temporários, resultando em um quadro de funcionários instável, torna-se mais difícil fortalecer o comprometimento organizacional entre a equipe (Oliveira, 2007). Como uma das características destacadas pelos autores Araújo, Araújo, Barreto (2022) e a qualidade padronizada dos serviços prestados. Com isso, é de extrema importância que os colaboradores que irão trabalhar no setor estejam qualificados, para que os eventos alcancem o objetivo desejado (Araújo; Araújo; Barreto, 2022).

Para Neri (2003) a sazonalidade é um dos principais desafios enfrentados pela indústria do turismo. Durante a alta temporada, ocorrem fenômenos de saturação, como congestionamentos nas estradas, escassez de água e energia, falta de saneamento básico e aumento da poluição. Por outro lado, na baixa temporada, muitas empresas fecham devido à baixa demanda, resultando em desemprego para a população local. Esse fenômeno é consequência do turismo de massa. Existem duas formas de sazonalidade no turismo: a sazonalidade da demanda e a sazonalidade da oferta. A primeira refere-se às oscilações no fluxo de turistas ao longo do ano, podendo ser enfrentada por meio de estratégias que promovam uma melhor distribuição da procura, como o incentivo a viagens fora da alta temporada mediante políticas de preços mais atrativos. Já a sazonalidade da oferta está relacionada às variações nas condições de funcionamento do destino turístico, sendo diretamente influenciada por fatores climáticos e naturais, como a presença de neve para a prática de esqui ou de sol para o turismo de praia. Para mitigar seus efeitos, torna-se fundamental investir na diversificação do produto turístico, com o desenvolvimento de atrativos menos dependentes das condições climáticas, como o turismo de negócios, a realização de eventos culturais e o fortalecimento do segmento gastronômico. (Neri, 2003).

Os eventos são primordiais para o fomento do turismo em determinadas regiões, se for bem planejado e organizado, podem influenciar positivamente a imagem de um destino turístico. Ele pode captar visitantes ou turistas, incentivar a

economia e enriquecer a vida cultural e social das regiões onde é realizado. (Araújo; Araújo; Barreto, p 43,2022)

Esse segmento do turismo desempenha um papel essencial na dinamização do comércio em geral, pois aumenta a participação de pessoas e impulsiona o crescimento e o desenvolvimento tanto local quanto regional.

Apesar de o turismo ser uma atividade essencialmente dependente da força de trabalho humana, os estudos acadêmicos sobre o setor têm historicamente negligenciado o trabalhador como sujeito central de análise. Souza (2016), ao examinar os artigos publicados em periódicos vinculados aos programas de pós-graduação em Turismo no Brasil, revela que a maior parte da produção científica concentra-se em temas voltados à gestão, ao marketing e ao consumo, deixando de lado as condições, as relações e as dinâmicas do trabalho que sustentam o setor.

Segundo a autora, o trabalhador aparece com frequência apenas como um “recurso” a ser treinado ou ajustado às demandas do mercado, e não como um agente com vivências, direitos e desafios específicos. Essa abordagem tecnicista, segundo Souza, reforça uma lógica empresarial que valoriza a eficiência e a lucratividade, mas silencia sobre as desigualdades e precariedades enfrentadas por grande parte da força de trabalho no turismo, especialmente nos segmentos mais vulneráveis.

Essa lacuna teórica e metodológica ganha contornos ainda mais preocupantes quando se considera o campo dos eventos, onde predominam formas de contratação informais e relações de trabalho marcadas pela sazonalidade, baixa remuneração, ausência de vínculo empregatício e invisibilidade institucional. Em cidades como Ouro Preto, que têm nos eventos culturais e turísticos uma de suas principais atividades econômicas, a atuação dos freelancers é indispensável, mas segue sendo ignorada por políticas públicas, instituições e pesquisas acadêmicas.

Neste sentido, a presente monografia busca preencher parte dessa omissão, ao colocar no centro da análise os profissionais freelancers que atuam na produção de eventos em Ouro Preto. Ao fazê-lo, o trabalho se propõe a valorizar suas vozes, entender suas condições de trabalho e contribuir para o reconhecimento acadêmico e social desses sujeitos historicamente marginalizados nos estudos do turismo. Como afirma Souza (2016), “é urgente olhar para o trabalhador do turismo não como um recurso, mas como um ser humano que vive, sente, produz e resiste em um espaço laboral carregado de contradições” (Souza, 2016).

2.4. Modelos de contratação

Em conformidade com Barretto, o setor de eventos se destaca em muitos aspectos positivos, sendo um dos principais o marketing gerado para as cidades e possibilidade de alterar a realidade da região envolvida e da sociedade no geral (Barretto, 2003). Em conformidade, alguns autores também definem o mercado de eventos como uma importante atividade econômica. Contudo a alta taxa de informalidade tem sido uma marca estrutural e histórica do mercado de trabalho no Brasil. Após a reestruturação produtiva na década de 90 o índice trabalhadores informais, temporários e terceirizados apresentou uma alta significativa. O setor terciário, âmbito a qual eventos se inclui, sobressai negativamente, como salienta Baltar (2001) “o setor terciário passou a ter uma maior participação na ocupação total, o que repercutiu desfavoravelmente no mercado de trabalho pela natureza precária de uma parcela das ocupações desse setor, no que diz respeito a estabilidade, segurança e remuneração, destacando-se o crescimento do trabalho informal” (Baltar, 2001).

Para Pinto (2004), o trabalho temporário é definido como uma possibilidade para as empresas que precisam complementar a força de trabalho de seus funcionários, geralmente em situações excepcionais, para atender a uma demanda temporária de substituição de pessoal regular ou permanente (Pinto, 2004). Já a terceirização surgiu com alta demanda na produção de armamento para a Segunda Guerra Mundial e o conseqüente aumento da ausência de força de trabalho, tomando novas proporções das circunstâncias da reestruturação produtiva (Petrin, 2015). Como característica, os autores Stair e Reynolds a definem como “contratação de serviços profissionais externos para atender a certas necessidades específicas de negócios” (Stair; Reynolds, 2006), de modo que o autor Gonçalves (2001) complementa a terceirização como a prática que consiste em realizar a contratação de serviços por meio de uma empresa que atua como intermediária entre o contratado e o contratante (Gonçalves, p 31, 2001).

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) o Brasil possui uma taxa de desemprego 7,8% no terceiro trimestre de 2023 e um mercado de trabalho informal com cerca de 39 milhões de trabalhadores (IBGE, 2023). Dentro do contexto da sociedade brasileiro, é caracterizado por desigualdade social e de renda, é bastante comum que o trabalhador formal busque uma renda extra, o famoso “bico”, para complementar seu salário. Para o Rainho (2008), “o trabalhador freelancer pode ser tanto um empregado freelancer, um freelancer profissional ou ainda um desempregado freelancer, que pode ter as mesmas atribuições de um contratado via Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), mas que não possui uma proteção social equivalente” (Rainho, 2008).

O trabalhador que atua por conta própria, de modo autônomo, desempenhando serviços temporários simples, mas que possui exatamente as mesmas atribuições de um contratado CLT, sem, entretanto, contar com nenhuma proteção social equivalente. (Rezende; Aguiar; Mansano, p. 03, 2021.)

Outros autores como Lacerda oferece uma definição para o freelancer, descrevendo-o como

Caracteriza-se como profissional que realiza atividades para diversas empresas, visto que vende sua mão de obra ou prestar determinado serviço, de modo a não estabelecer um contrato fixo nem trabalhar com exclusividade para uma única empresa, podendo inclusive ser caracterizado como trabalhador autônomo. (Lacerda, 2022)

O setor de turismo, visto pelo autores como Maio (2006) uma extensão da globalização, também sofre os impactos desse movimento e suas consequências. Os profissionais da área enfrentam constantemente a precarização das relações de trabalho. Além disso, no turismo, os trabalhadores, além de multifuncionais e colaborativos, precisam ser políglotas e possuir conhecimento em relações interpessoais, além de aspectos históricos e geográficos dos locais onde atuam. Essas exigências elevadas contrastam com as condições reais de trabalho e remuneração (Meliani, Gomes, 2010).

Ao analisar o mercado de trabalho em eventos observa-se que a atividade econômica de organizar e executar eventos faz parte das atividades sociais urbanas com ampla utilização da força de trabalho volante e ocasional seja ela especializada ou não, para realizar atividades de forma esporádica e conforme a demanda do segmento. (Corrêa, p. 506, 2023)

Conforme pesquisa realizada em abril de 2020 pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), em conjunto com a Associação Brasileira de Empresas de Eventos (ABEOC) e a União Brasileira dos Promotores de Feiras (UBRAFE), a pandemia impactou negativamente 98% das empresas do segmento de eventos com uma média de 12 eventos cancelados por empresa. Salientando também durante a mesma pesquisa que 54% das empresas precisaram adotar medidas em relação aos empregados, sendo as principais ações: redução de horas e valores pagos, além do cancelamento ou suspensão de contratos (SEBRAE, 2020).

A economia é uma preocupação constante para as organizações brasileiras e, em grande parte, para o cenário global contemporâneo, especialmente no setor de serviços, onde o setor de eventos está incluído (Albuquerque, 2004). Empresas de diversos setores passam por análises e estudos para evitar se tornarem vulneráveis em um mercado altamente competitivo. Diante desse contexto adverso, tais empresas têm buscado implementar ações estratégicas para assegurar sua sobrevivência financeira (Pereira, 2014). Dentro destes atos estratégicos a instituição Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

(SEBRAE) destaca que o setor de eventos evidencia uma tendência à normalização de empregos temporários, promovendo a terceirização, contratos intermitentes, informalidade, sem treinamento, remuneração baixa (atraso na realização do pagamento da diária) e ausência de pagamento do vale transporte, resultando em um setor à margem, com baixo critério para a seleção de profissionais e com vulnerável à precarização de seus trabalhadores (SEBRAE, 2010)⁴.

Buonfiglio e Dowling(2006) destaca que um contrato de trabalho consistente, com direitos e deveres claramente definidos e pré estabelecidos durante todo o período, está sendo substituído por modelos mais flexíveis devido à chamada “reestruturação produtiva”, como evidenciado anteriormente. Com postos de trabalho sem vínculos trabalhistas, perda de benefícios indiretos, extensão da jornada laboral além do estabelecido pela legislação e transferência para os trabalhadores das responsabilidades de toda e qualquer imprevisibilidade do processo produtivo (Buonfiglio, Dowling, 2006).

Para Oliveira, Bantim e Costa (2021) a contratação visando a redução de custos com profissionais, escolhendo pessoas que não se enquadram no perfil adequado para a função, e não oferecendo uma remuneração justa, comprometendo assim a qualidade do serviço prestado. A falta de critérios de seleção por parte da empresa ao contratar freelancers, juntamente com a ausência de treinamento adequado para o desempenho de suas funções, além de desvalorizar profissionais qualificados, compromete a qualidade do evento. Em situações mais graves, essa falta de preparo da equipe responsável pode colocar o público em risco (Oliveira, Bantim e Costa, 2021).

A ausência de critérios rigorosos na seleção dos funcionários que trabalham em empresas organizadoras de eventos, assim como a negligência no treinamento adequado, reflete uma precarização na relação entre empresa e trabalhadores. As empresas priorizam força de trabalho barata, desvalorizando profissionais qualificados e comprometendo a qualidade dos serviços prestados. Com isso, desconsideram o impacto negativo na formação e no desempenho dos profissionais. Além disso, a contratação de temporários/freelancers dilui a responsabilidade da empresa contratante, que parece não se preocupar com a qualidade final do evento, já que sua imagem não é diretamente afetada (Oliveira, Bantim e Costa, 2021).

⁴ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE EVENTOS (ABEO). Pesquisa sobre impacto do coronavírus UGE e competitividade. ABEO, 2020. Disponível em: https://abeoc.org.br/wp-content/uploads/2020/05/Pesquisa-impacto-do-coronav%C3%ADrus-UGE-e-Competitividade_v28_4f.pdf. Acesso em: 10 ago. 2024.

3. O SETOR DE EVENTOS EM OURO PRETO E A EXPERIÊNCIA DOS FREELANCERS

O setor de eventos em Ouro Preto representa muito mais do que uma engrenagem econômica, ele é parte viva da identidade cultural da cidade. Festivais, celebrações religiosas, festas universitárias, congressos e formaturas movimentam seus espaços e transformam temporariamente a rotina urbana, reforçando o papel dos eventos como fatores sociais e culturais que atravessam diferentes públicos e contextos.

Entre esses profissionais estão os freelancers, peças fundamentais para que tudo aconteça, mas que nem sempre contam com segurança, estabilidade ou reconhecimento. Suas trajetórias são atravessadas por vínculos frágeis, remunerações instáveis e ausência de direitos, refletindo um cenário de informalidade que se tornou comum e, por vezes, naturalizado no setor de serviços e eventos. Neste contexto, compreender suas experiências é também entender parte da realidade do trabalho nas cidades históricas brasileiras.

Este capítulo analisa, a partir de uma perspectiva crítica e detalhada, o contexto socioeconômico de Ouro Preto e sua articulação com o setor de eventos; discute a organização e relevância dessa atividade para o município; apresenta o perfil dos freelancers que nela atuam e as condições em que exercem seu trabalho; e investiga os fatores que favorecem esse tipo de contratação. Com isso, pretende-se não apenas compreender o funcionamento do setor, mas também dar visibilidade aos indivíduos que o constroem todos os dias, muitas vezes à margem da formalidade.

3.1. Ouro Preto: contexto socioeconômico e a relevância do setor de eventos

São vários os elementos que motivam os turistas a optarem por um destino específico. No caso dos turistas em busca de experiências culturais, há uma ênfase na conexão com a comunidade local e na imersão no patrimônio cultural do lugar (Reis; Bonfim, 2012). De acordo com os autores Reis e Bonfim, Ouro Preto se destaca no cenário do turismo cultural, sendo reconhecida como um importante destino turístico devido ao valor atribuído ao seu centro histórico, composto por museus, igrejas e casarões coloniais (Reis; Bonfim, 2012)

Reconhecida mundialmente pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) como Patrimônio Cultural da Humanidade, destaca-se não apenas por sua relevância histórica, mas também pela riqueza cultural. Mais do que contemplar suas paisagens naturais e a arquitetura colonial preservada, quem visita Ouro Preto se depara com uma diversidade cultural, que se manifesta em festivais, celebrações

religiosas, eventos acadêmicos e atividades artísticas, tornando a cidade um espaço dinâmico e culturalmente ativo.

Fundada em 1711, Ouro Preto ocupa um papel fundamental na compreensão do processo de colonização portuguesa no Brasil. A cidade tornou-se o principal centro da mineração aurífera, desempenhando, durante o auge do ciclo do ouro, um papel estratégico como núcleo urbano, econômico e político.

De acordo com o autor Felix, a arquitetura colonial, composta por construções religiosas nos estilos barroco, rococó e neoclássico, evidencia não apenas a riqueza gerada pela exploração mineral baseada na força de trabalho escravizada, mas também a forte influência da Igreja e da coroa portuguesa, além do saber artístico e artesanal desenvolvido localmente (Felix, 2021). No final do século XIX, com a queda da produção de ouro e a transferência da capital mineira para Belo Horizonte em 1897, Ouro Preto entrou em um processo de declínio econômico, perdeu importância política, sofreu redução populacional e viu muitos de seus edifícios serem gradualmente abandonados.

Em conformidade com Queiroz, com a perda de relevância política e econômica foi um dos fatores que motivaram a atuação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no processo de tombamento de Ouro Preto em 1938. Nesse contexto, consolidou-se a imagem da cidade como símbolo do período colonial, especialmente ao se valorizar as expressões artísticas e os elementos escultóricos presentes em suas igrejas e praças; componentes essenciais na constituição da paisagem histórica e cultural ouropretana (Queiroz, 2019).

Segundo Malta (2019), uma cidade antes vista pequena e parcialmente esquecida passa a ser reinterpretada como um símbolo da história nacional. Esse processo busca manter a autenticidade das paisagens culturais e dos espaços simbólicos, que guardam não só a memória de um passado colonial, mas também sentimentos de pertencimento, identidade e continuidade.

Nesse contexto de ressignificação urbana impulsionado pelas políticas de patrimonialização, é importante considerar os efeitos sociais e econômicos que acompanham essas transformações. De acordo com Malta (2019), dois processos ocorreram de forma simultânea em Ouro Preto: a valorização simbólica e material do centro histórico por meio da patrimonialização, e o conseqüente enobrecimento dos espaços residenciais e comerciais, impulsionado pelas políticas urbanas voltadas ao turismo. Esses movimentos não atingem apenas os antigos moradores da cidade, mas afetam diretamente estudantes de baixa renda,

muitos dos quais enfrentam dificuldades de acesso a serviços básicos nas áreas que se tornaram mais valorizadas e turísticas.

Atualmente, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2022 o município de Ouro Preto contava com 74.821 habitantes, apresentando uma densidade demográfica de 60,06 habitantes por quilômetro quadrado. Sua população é marcada por uma composição heterogênea, resultado de um processo histórico que inclui a presença de descendentes de diversas regiões do Brasil, de portugueses, africanos escravizados e de outros grupos que foram atraídos pela prosperidade do ciclo do ouro.

Ao longo do tempo, essa diversidade foi ampliada pela presença marcante da comunidade acadêmica, cuja história remonta à fundação da Escola de Farmácia, em 1839, e da Escola de Minas, em 1876, instituições hoje integradas à Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Ouro Preto consolidou-se como um importante polo cultural, no qual diferentes expressões artísticas e culturais convivem e se transformam, ao mesmo tempo em que suas tradições e seu rico patrimônio histórico permanecem preservados.

Diante dessas dinâmicas de transformação urbana e social, é possível perceber que a cidade de Ouro Preto não apenas preserva seu valor histórico e cultural, mas continua se reinventando em função das demandas do turismo e da cultura.

Esse movimento de patrimonialização e revalorização territorial está diretamente relacionado à crescente oferta de atividades culturais e eventos que ocorrem ao longo do ano. Tais iniciativas não só reforçam a identidade simbólica da cidade como também exercem influência significativa na dinâmica econômica e social local, tornando os eventos uma peça-chave na movimentação turística, no estímulo ao comércio e na redução dos impactos da sazonalidade.

Além de sua importância histórica e cultural, a cidade sedia uma ampla variedade de eventos: culturais, religiosos, artísticos, sociais, corporativos e científicos, entre outros. Esses eventos têm um impacto direto no turismo local, atraindo tanto visitantes quanto fornecedores, o que contribui para o aquecimento do comércio local e para a diminuição da sazonalidade do turismo.

Entre os eventos culturais de maior destaque estão o Carnaval, o Festival de Inverno de Ouro Preto e Mariana, a Semana Santa, o Aniversário da Cidade, a tradicional Festa do 12 e o Festival Internacional “Tudo é Jazz”, os quais oferecem importantes oportunidades de atuação e visibilidade para os grupos de teatro e músicos locais, promovendo o intercâmbio cultural e o fortalecimento da cena artística da cidade (Sandoval; Arruda; Santos, 2009).

A principal decisão e a mais importante é a onde esses eventos acontecem, pois influencia diretamente a forma como as pessoas imaginam e percebem o destino, contribuindo para a construção do interesse e da experiência de quem participa. Ademais, de acordo com Tineo e Tomazzoni (2016) destacam que o turismo de eventos é uma das práticas que mais favorecem a economia em diversos destinos turísticos. Além disso, esse tipo de turismo ajuda a diminuir os efeitos da baixa temporada e promove uma maior aproximação entre os moradores locais e os visitantes.

Hoje em dia a economia de ouropretana continua profundamente vinculada à atividade mineral, mas atualmente à extração de minério de ferro. Durante sua formação, a cidade foi marcada pelo Ciclo do Ouro, e atualmente vivencia o Ciclo do Minério de Ferro. Embora a exploração de recursos minerais possa aparentar uma oportunidade estratégica para o desenvolvimento econômico local, no caso de Ouro Preto, os dados mais recentes indicam uma forte dependência da mineração de ferro pela economia local, contudo é necessário salientar que o turismo ainda permanece como uma das principais fontes de renda do município.

3.2. Contexto econômico de Ouro Preto

Com base no relatório divulgado em 2022 pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Inovação e Tecnologia de Ouro Preto, torna-se possível realizar uma análise mais aprofundada sobre a economia da cidade de Ouro Preto. O documento atualiza os principais dados do município, com o objetivo de mapear oportunidades e identificar estratégias que possam viabilizar o desenvolvimento econômico da cidade.

O município de Ouro Preto possui uma extensão territorial de 1.245,86 km², conforme a divisão administrativa vigente no Brasil. Sua composição é formada por doze distritos, além da sede municipal: Amarantina, Antônio Pereira, Cachoeira do Campo, Engenheiro Corrêa, Glaura, Lavras Novas, Miguel Burnier, Rodrigo Silva, Santa Rita de Ouro Preto, Santo Antônio do Leite, São Bartolomeu e Santo Antônio do Salto.

A partir dos dados levantados no diagnóstico econômico de Ouro Preto, torna-se possível aprofundar a análise sobre aspectos fundamentais para o desenvolvimento local, como o emprego e a renda. Compreender como a população acessa o mercado de trabalho e obtém seu sustento é essencial para avaliar as condições de vida e o nível de bem-estar social.

O emprego, além de garantir uma fonte de renda, influencia diretamente a qualidade de vida dos moradores, afetando seu acesso a direitos básicos como saúde, educação e

moradia. Assim, ao observar os indicadores relacionados ao trabalho no município, é possível identificar desigualdades, propor estratégias de inclusão e orientar políticas públicas mais justas.

Analisando os dados fornecidos pela secretaria, os dados salariais de Ouro Preto entre 2016 e 2023 revelam um crescimento gradual nos salários reais, o que pode indicar sinais de avanço econômico no município. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total é um indicador importante para avaliar o nível de participação da população no mercado de trabalho. Quanto maior essa taxa, maior o número de pessoas economicamente ativas contribuindo para o desenvolvimento local. Já uma proporção mais baixa pode sinalizar dificuldades no mercado de trabalho ou mudanças demográficas, como o envelhecimento da população.

Em 2021, segundo dados da Fundação João Pinheiro (FJP), essa proporção em Ouro Preto foi de 33,6%, sugerindo uma possível queda em comparação a anos anteriores e indicando a necessidade de um olhar mais atento às dinâmicas do emprego na região.

A análise dos dados sobre emprego formal em Ouro Preto, obtidos a partir do antigo e do novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), permite observar importantes variações no mercado de trabalho local ao longo dos últimos anos. Entre 2016 e 2019, conforme os registros do antigo CAGED, houve uma queda gradual no número de empregos formais, passando de 18.901 em 2016 para 17.379 em 2019, refletindo um cenário de retração econômica ou dificuldades no setor produtivo local.

A partir de 2020, com a implantação do novo CAGED, observa-se inicialmente uma nova redução, atingindo o menor patamar em 2021, com 15.496 postos formais. No entanto, os dados mais recentes mostram uma recuperação significativa, com crescimento contínuo em 2022 e 2023, quando o número de empregos formais voltou a se aproximar dos patamares de 2016, alcançando 18.628 vínculos formais. Essa retomada pode estar associada a políticas de estímulo econômico pós-pandemia, mudanças no perfil das atividades econômicas locais ou ao reaquecimento de setores específicos, como o turismo e os serviços.

A análise dos setores econômicos e dos estabelecimentos formais em Ouro Preto evidencia a diversidade e a dinâmica da economia local, com destaque para o setor de serviços como principal gerador de empregos formais entre 2015 e 2023. Esse setor apresentou crescimento constante, com uma recuperação expressiva após a queda em 2020, reflexo direto dos impactos da pandemia de COVID-19. O comércio aparece como o segundo setor mais relevante em termos de empregabilidade, seguido pela indústria, construção civil e agropecuária. Paralelamente, os dados sobre estabelecimentos formais indicam certa

estabilidade no número de empresas registradas entre 2013 e 2021, com predominância dos setores de serviços e comércio.

O setor agropecuário, embora represente uma parcela menor dos empregos formais, possui papel importante na diversificação econômica do município, com destaque para a produção de café, milho, cana-de-açúcar e a presença significativa da agricultura familiar. Segundo o Censo Agropecuário de 2017, havia 728 estabelecimentos agropecuários registrados, com 869 lavouras distribuídas entre culturas permanentes e temporárias. Essa variedade de cultivos e a distribuição entre os distritos reforçam a importância da agricultura para a economia rural de Ouro Preto, apontando para vocações específicas em cada região. A combinação entre setores urbanos e rurais fortalece a estrutura econômica do município e aponta para a necessidade de políticas públicas que considerem essa complexidade, promovendo o crescimento sustentável e equilibrado em todas as áreas.

A Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais (CFEM) é uma importante fonte de receita para municípios mineradores como Ouro Preto. Ela distribui 60% da arrecadação ao município produtor, 15% ao estado, 10% à União (divididos entre órgãos como ANM, FNDCT, CETEM e IBAMA), e outros 15% a municípios impactados pela atividade, mesmo que a extração não ocorra diretamente em seus territórios. A arrecadação é calculada com base no faturamento líquido da comercialização dos minérios, com alíquotas que variam conforme a substância. Entre 2019 e 2023, Ouro Preto apresentou um crescimento expressivo na arrecadação da CFEM, passando de R\$29,6 milhões para R\$107,8 milhões. Esse aumento reflete tanto a intensificação da exploração mineral quanto a valorização dos minérios no mercado.

A maior parte da arrecadação advém do ferro e do minério de ferro, demonstrando a forte dependência econômica do município em relação a essas substâncias. Outros minerais, como gnaíse, calcário, talco e granito, também compõem a arrecadação, ainda que em proporções menores, contribuindo para uma leve diversificação. Essa tendência se reflete também nas exportações, dominadas pelos minérios de ferro e cobre, que em 2021 chegaram a representar até 99% do total exportado. Apesar da predominância de um único setor, esses números revelam o peso da mineração na economia local.

Apesar da mineração ser a principal atividade econômica de Ouro Preto, e a que mais gera empregos formais no município, o relatório falha ao não apresentar dados concretos sobre o número de empregos gerados diretamente por esse setor. Essa omissão compromete uma análise mais aprofundada sobre os impactos sociais e econômicos da atividade mineral,

principalmente no que diz respeito à geração de renda, segurança trabalhista e qualidade de vida dos trabalhadores.

No entanto, um ponto que não foi abordado no relatório diz respeito aos trabalhadores informais, que têm grande relevância na dinâmica econômica local. Tal ausência ressalta a importância de pesquisas que deem visibilidade a esses profissionais e às condições precárias de trabalho enfrentadas por eles. No contexto da informalidade crescente no mercado de trabalho em Ouro Preto, destaca-se a pesquisa Produtividade do trabalho e informalidade em Ouro Preto: Evolução 2012-2020, também publicada no site da Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Inovação e Tecnologia, que busca explicar o impacto econômico desses trabalhadores invisibilizados.

A pesquisa intitulada "Produtividade do trabalho e informalidade em Ouro Preto: Evolução 2012-2020" realizada pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Inovação e Tecnologia, oferece uma análise crítica sobre a evolução econômica da cidade entre 2012 e 2020, destacando a relação entre a informalidade no mercado de trabalho e a produtividade. O estudo revela que, apesar do aumento na população economicamente ativa, houve uma queda significativa no número de empregos formais, com um consequente crescimento da informalidade. Isso aponta para um possível enfraquecimento da rede de proteção social, o que impacta negativamente a qualidade de vida dos trabalhadores e a estabilidade econômica local.

3.3. Atribuição do setor de eventos em Ouro Preto

A cidade de Ouro Preto tem uma longa tradição na realização de eventos. Desde os tempos em que ainda era chamada de Vila Rica, quando ocupava o posto de capital de Minas Gerais, a cidade já se destacava por sua relevância histórica, cultural, religiosa e artística, o que favoreceu a promoção de diversas celebrações. Entre elas, podem ser citadas o Triunfo Eucarístico, o Áureo Trono Episcopal, as Exéquias de D. João, além de saraus, banquetes, alforrias e outras festividades. Com o passar do tempo, esses eventos se tornaram mais numerosos e expressivos, evidenciando sua importância para o fortalecimento social, econômico e cultural de Ouro Preto.

A partir da década de 1960, a cidade de Ouro Preto passou a vivenciar um processo de industrialização, marcado pela chegada de grandes empresas voltadas à mineração e à siderurgia. Um marco importante desse período foi a instalação, em 1952, de uma fábrica de alumínio associada à exploração de bauxita pela antiga Alumínio do Brasil (ALCAN),

companhia canadense que, durante quatro décadas, se destacou como uma das principais empregadoras locais. Esse crescimento industrial provocou um aumento significativo da população, exigindo adaptações na configuração urbana, como a criação de novas áreas residenciais, espaços de trabalho e vias de circulação (Sandoval; Arruda; Santos, 2009; Queiroz, 2019).

Outro momento importante na formação da cidade de Ouro Preto foi a criação do campus da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), em 1969. Essa iniciativa aconteceu ao mesmo tempo em que a ALCAN operava na região e que, em 1964, foi fundada a Escola Técnica, que hoje é o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFMG). Esses projetos tiveram um papel fundamental na expansão de uma nova área urbana, estimulando a construção de moradias para os funcionários da ALCAN e a formação de repúblicas universitárias, tanto as ligadas à UFOP quanto as de iniciativa privada. Nesse mesmo período, também se fortaleceu o comércio local e a rede de serviços voltados para atender às necessidades dessas pessoas, mostrando como a presença dessas instituições influenciou diretamente na reorganização social e espacial da cidade.

De acordo com a autora Soutto Mayor (2012) menciona uma reportagem veiculada no jornal “O Liberal”, datada de 1994, que destacava a realização de cerca de 300 eventos organizados pela Secretaria Municipal de Turismo e Cultura. Para a autora, esse número revela não apenas o fortalecimento do setor turístico naquele momento, mas também a preocupação em promover um grande volume de atividades e a expectativa de retorno financeiro advindo dessas iniciativas (Soutto Mayor, 2012).

Ouro Preto recebe uma ampla gama de eventos, que abrangem desde manifestações culturais e religiosas até eventos artísticos, sociais, corporativos e científicos (Oliveira Et Al., 2018). Entre os mais tradicionais e frequentes estão o Carnaval, a Semana Santa, o Festival de Inverno, o Vinte e Um de Abril e o Doze de Outubro, data comemorativa da fundação da Escola de Minas (Rosa, 2000; Soutto Mayor, 2015; Fonseca, 2016). Além disso, o município conta com uma variedade de espaços voltados à realização de eventos, destacando-se o Centro de Artes e Convenções da Universidade Federal de Ouro Preto (CACOP), criado em 2001, que se consolidou como um equipamento turístico essencial para o segmento, somando-se à infraestrutura local e sendo considerado um dos principais centros de convenções da cidade (Oliveira *et al.*, 2018, P. 4).

Pereira (2017) aponta que, em Ouro Preto, existem três perfis urbanos que se destacam: o universitário, histórico e o turístico, os perfis ajudam a entender como as festas locais são organizadas de forma simbólica. Cada tipo de evento costuma atrair principalmente

um desses grupos, embora haja alguma sobreposição. Por exemplo, as festas universitárias, como a Festa do 12, geralmente envolvem os estudantes; a Semana Santa é mais voltada aos moradores da cidade; e o Festival de Inverno atrai principalmente turistas. Esses perfis não são categorias fixas, mas representam camadas sociais que disputam e compartilham o espaço urbano através dos eventos. Dessa forma, eles formam um patrimônio imaterial que está sempre mudando, influenciado pelas práticas e interações de diferentes públicos.

Com base no Plano Municipal de Cultura de Ouro Preto (2017–2027), observa-se uma valorização significativa dos eventos culturais como instrumentos de fortalecimento da identidade local, dinamização econômica e descentralização das políticas culturais. O documento estabelece diversas metas voltadas à promoção e estruturação dos eventos na sede e nos distritos, destacando, por exemplo, a criação de um calendário cultural oficial integrado com entidades locais, a realização de eventos regulares de manifestações culturais populares e a inclusão de ações descentralizadas como forma de estimular a produção cultural nos distritos.

Calendário este que foi criado, sendo assim, cobrindo a meta estabelecida pelo plano, a agenda de eventos de Ouro Preto em 2025⁵ destaca-se pela diversidade e riqueza cultural, refletindo a tradição e o dinamismo da cidade. Eventos como o 5º Festival Internacional de Turismo e Cultura de Ouro Preto, o Festival da Terra em São Bartolomeu e o Festival Gastronômico no Centro de Artes e Convenções da UFOP ilustram a variedade de atividades que atraem tanto moradores quanto turistas. Esses eventos não apenas celebram a cultura local, mas também impulsionam a economia criativa, gerando oportunidades para freelancers e profissionais do setor de eventos. A realização frequente de festivais e celebrações religiosas, como a Cantata de Páscoa e o Auto da Paixão, evidencia a demanda por força de trabalho temporária, muitas vezes composta por trabalhadores autônomos. Assim, a programação anual de Ouro Preto oferece um contexto relevante para analisar as dinâmicas de contratação no setor de eventos, especialmente no que tange à informalidade e à precarização do trabalho.

Além da agenda pública e institucional, Ouro Preto também se destaca pela realização frequente de eventos sociais de caráter privado, como casamentos, festas de formatura e confraternizações. Entre os eventos tradicionais de maior relevância cultural e atratividade turística, destaca-se o Reinado de Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito, celebração popular que integra o Congado, realizada anualmente no mês de janeiro. A festividade homenageia Chico Rei, figura histórica de origem africana, rei de uma tribo do

⁵ Mais informações em: <https://www.ouropreto.mg.gov.br/turismo/eventos>. Consultado em 19/04/2025.

Congo, que foi escravizado no Brasil e, posteriormente, conseguiu conquistar sua alforria e a de seus conterrâneos (Queiroz; Faria, 2019).

Há também atenção especial à acessibilidade e à infraestrutura para a realização dos eventos, prevendo desde melhorias no transporte público em datas festivas até a regulamentação do uso de espaços públicos para atividades culturais, incluindo feiras, festivais e apresentações em locais abertos.

Além disso, o plano propõe ações que incentivem a cooperação entre cultura e turismo, estimulando a ocupação de espaços públicos por atividades artísticas de natureza itinerante, como circos e teatro de rua, além de fomentar circuitos gastronômicos e feiras artesanais como meios de movimentar a economia criativa local.

Por fim, o plano também se compromete com a valorização das manifestações culturais tradicionais, como congados, folias, fanfarras, blocos carnavalescos e escolas de samba, reconhecendo seu papel na preservação do patrimônio imaterial da cidade. Para isso, propõe ações de apoio logístico e financeiro, como a criação de editais específicos e programas de transporte para os grupos culturais, além de estímulo à documentação e registro dessas expressões culturais.

De acordo com um estudo realizado, por Ferreira (2021) destacam que, apesar do potencial da cidade para sediar eventos, como apontado pelos entrevistados no estudo, há falhas que dificultam o setor. De acordo com um dos depoimentos, "os promotores de eventos estão estabilizados e confortáveis com a produção e procura, o que dificulta inovações nesta área, pois o planejamento permanece o mesmo todos os anos" (Ferreira, 2021). Isso resulta em uma falta de aprimoramento da experiência oferecida e em um público que não é mais atraído pela mesma oferta de sempre. Outros entrevistados discordam dessa ideia, afirmando que, se houvesse um planejamento mais organizado, seria possível ampliar a variedade de eventos em Ouro Preto.

Além disso, um aspecto negativo frequentemente apontado é o planejamento de eventos em cima da hora, o que dificulta a promoção antecipada e a atração de turistas. Um dos entrevistados menciona que "a cidade não tem um calendário para planejamento de eventos e sim datas, o que dificulta que o evento seja promovido com antecedência" (Ferreira Et Al., 2021). Esse problema vai ao encontro à visão de Getz e Page (2016), que afirmam que eventos bem planejados são essenciais para atrair turistas, diminuir a sazonalidade e promover a imagem do destino.

Em Ouro Preto, alguns espaços se destacam como pontos centrais na realização de eventos culturais, acadêmicos, turísticos e sociais. Dois dos mais representativos são o Centro

de Artes e Convenções da UFOP e a Praça Tiradentes, que, cada um à sua maneira, desempenham papel estratégico na dinâmica econômica e simbólica do município.

O Centro de Artes e Convenções da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) é considerado um dos mais importantes equipamentos voltados à realização de eventos na cidade. Inaugurado em 2001, o espaço ocupa as antigas instalações do Parque Metalúrgico Augusto Barbosa, tendo sido revitalizado e adaptado para receber congressos, festivais, feiras, seminários, encontros, casamentos, formaturas e atividades culturais. Com uma infraestrutura multifuncional, o centro conta com auditórios, salões, praças e áreas de convivência, todos equipados com sistemas de acessibilidade, isolamento termoacústico e apoio técnico. Além de sediar eventos de âmbito local e nacional, o centro também se destaca pela sua contribuição ao turismo de negócios e pela capacidade de atrair públicos diversos à cidade.

Já a Praça Tiradentes, situada no coração do centro histórico, é um espaço simbólico e multifacetado, onde ocorrem manifestações populares, celebrações, eventos turísticos e culturais. Por sua localização estratégica, cercada por edifícios históricos como o Museu da Inconfidência e a antiga Casa de Câmara e Cadeia, a praça funciona como um palco a céu aberto para festividades como o Carnaval, o Festival de Inverno e a Semana Santa. Seu uso como espaço de eventos reforça a centralidade da cultura e da memória no turismo ouropretana, mas também levanta questões sobre a preservação do patrimônio e os impactos da super utilização em áreas tombadas.

A cidade de Ouro Preto apresenta um forte potencial para a realização de eventos, impulsionado por diversos elementos, como a presença de instituições de ensino, a disponibilidade de variados espaços apropriados para eventos, a proximidade com a capital Belo Horizonte e o imaginário coletivo construído ao longo dos anos, que associa o município à tradição de sediar grandes celebrações. No entanto, esse cenário também apresenta desafios significativos. Um dos principais entraves é a percepção de uma demanda constantemente garantida, o que faz com que os organizadores se sintam acomodados em relação à oferta e à procura. Essa estabilidade aparente acaba por desestimular a inovação, levando à repetição de formatos e planejamentos ano após ano, sem melhorias na experiência proporcionada ao público. Como resultado, a cidade pode deixar de atrair todo o público potencial que esses eventos poderiam alcançar.

Para Queiroz (2019) as críticas mais comuns em relação à realização de eventos em Ouro Preto incluem a falta de planejamento urbano e os problemas de acessibilidade, especialmente devido ao relevo íngreme da cidade, o que dificulta o acesso de turistas com mobilidade reduzida, como idosos e pessoas com deficiência. Grammont (2006) também

ressalta a dificuldade de preservar o patrimônio da cidade devido ao desgaste causado pelo tempo e pela umidade, especialmente nas áreas periféricas, que enfrentam risco de desabamento.

Segundo Santos, o mau planejamento de eventos pode gerar impactos negativos, como o desgaste das áreas do patrimônio histórico devido ao fluxo intenso de turistas e veículos pesados, como caminhões e carretas, durante a montagem e desmontagem de grandes eventos. Esses impactos afetam a capacidade de carga da cidade, resultando em problemas como o desabastecimento de água, poluição e congestionamento (Sandoval; Arruda; Santos, 2009). Além disso, os impactos negativos dos eventos, como poluição e insatisfação de turistas e moradores, não devem ser ignorados, e os organizadores devem se preocupar com a gestão sustentável dos eventos para evitar consequências prejudiciais à imagem da cidade (Marujo, 2015).

Do mesmo modo, Santos (2023), reforça que os impactos negativos dos eventos frequentemente resultam de um planejamento inadequado, falta de atenção aos detalhes e, às vezes, da falta de interesse em investir na qualidade do evento, visto que isso aumentaria os custos e a necessidade de mais recursos humanos. A prioridade é reduzir gastos, muitas vezes à custa de uma execução de menor qualidade.

Quando a equipe responsável pela organização de um evento não tem os recursos humanos necessários ou não está devidamente preparada, a qualidade do evento acaba sendo prejudicada. Muitas vezes, para reduzir custos, optou por contratar pessoas com menos experiência ou até por diminuir o número de profissionais, o que pode acarretar uma série de falhas. A sobrecarga e a falta de capacitação podem resultar em descuidos importantes, como problemas com a logística, a segurança ou o atendimento ao público, fatores essenciais para que tudo corra bem. Essa falta de cuidado não só prejudica a experiência de quem participa do evento, mas também afeta a imagem do local, gerando insatisfações tanto entre os turistas quanto entre os moradores. Em cidades como Ouro Preto, que dependem do turismo, essa falta de preparação pode prejudicar a reputação e afastar as pessoas, tornando claro que investir em uma equipe bem treinada e equipada é fundamental para garantir a qualidade e o sucesso de qualquer evento.

3.4. Metodologia

Após a apresentação do contexto socioeconômico e da relevância do setor de eventos em Ouro Preto, torna-se necessário explicitar os procedimentos adotados para compreender de

qual forma se estruturam as relações de trabalho e as condições dos profissionais freelancers que atuam nesse segmento. Assim, este tópico descreve a abordagem metodológica utilizada na pesquisa, os instrumentos empregados e as etapas de coleta e análise dos dados.

A abordagem metodológica adotada neste trabalho visa investigar as preferências e condições de contratação de profissionais freelancers no setor de eventos na cidade de Ouro Preto (MG). Trata-se de uma pesquisa de natureza aplicada, com enfoque exploratório e descritivo, que combina métodos qualitativos e quantitativos para compreensão do fenômeno estudado. Segundo Candeloro e Santos (2006), a pesquisa aplicada associa revisão bibliográfica a coletas de dados de campo, possibilitando o enfrentamento de problemas concretos.

O estudo possui caráter exploratório, conforme Gil (2008), por se tratar de um tema ainda pouco abordado em estudos acadêmicos locais. Inicialmente, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre os principais conceitos relacionados ao tema, como informalidade, precarização do trabalho, economia local e eventos, como apresentado nos capítulos anteriores. De acordo com Rodrigues (2007), esse tipo de levantamento permite estruturar uma base teórica sólida e definir com clareza os objetivos da investigação.

O presente estudo foi realizado na cidade de Ouro Preto, Minas Gerais, tendo como foco os profissionais freelancers que atuam no setor de eventos locais. A pesquisa tomou como referência os trabalhadores que prestaram serviços em eventos realizados no município, especialmente aqueles que atuam em espaços como o Centro de Convenções da UFOP, a Praça Tiradentes e outros locais públicos e privados de realização de atividades culturais, sociais ou institucionais. Esses profissionais foram abordados por meio de formulário e entrevistas, com base em suas experiências práticas e vivências no contexto ouro-pretano.

A coleta de dados deste estudo foi conduzida em múltiplas etapas, com o objetivo de captar tanto aspectos objetivos quanto subjetivos da experiência dos freelancers. Foram utilizadas duas estratégias principais: a aplicação de um formulário estruturado e a realização de entrevistas semiestruturadas, que se complementam ao oferecer uma visão tanto ampla quanto aprofundada do fenômeno estudado.

O Formulário Estruturado foi desenvolvido por meio da plataforma digital Google Forms e estruturado com perguntas objetivas (fechadas) e subjetivas (abertas). A construção das questões buscou abordar dimensões como perfil sociodemográfico (idade, gênero, ocupação, escolaridade, renda), tempo de atuação no setor, frequência de trabalhos, tipo de vínculo contratual e percepção sobre as condições de trabalho. A distribuição ocorreu exclusivamente por meios digitais, durante 60 dias, utilizando redes sociais como Instagram,

WhatsApp e Facebook, priorizando grupos e páginas relacionados ao turismo, eventos e comunidade acadêmica de Ouro Preto.

A amostragem adotada para o formulário foi do tipo não probabilística por conveniência, uma vez que os respondentes foram selecionados a partir da acessibilidade e disponibilidade de participação. Babin et al. (2003, p. 246) afirmam que “os elementos para essa amostra não são necessariamente feitos com o objetivo de ser estatisticamente representativo da população”. Complementarmente, Vergara (2000, p. 51) define a amostragem por acessibilidade como aquela que “não adota procedimento estatístico para definição da amostra”, baseando-se na proximidade e viabilidade de acesso aos respondentes. Assim, o objetivo desta estratégia não é a generalização estatística dos resultados para todo o território nacional, mas a identificação de tendências, padrões e percepções reais relacionadas às condições de trabalho dos freelancers no setor de eventos no contexto específico da cidade de Ouro Preto. No total, 23 pessoas responderam ao formulário, número considerado adequado para os propósitos exploratórios da pesquisa.

No que se refere às entrevistas semiestruturadas, foram realizadas duas entrevistas, via plataforma Google Meet, com profissionais freelancers atuantes no setor de eventos em Ouro Preto. A definição desse número esteve relacionada à disponibilidade dos participantes e à profundidade dos relatos obtidos, que se mostraram suficientes para atender aos objetivos qualitativos da pesquisa, considerando o caráter exploratório do estudo. Para preservar a identidade das entrevistadas, seus nomes foram substituídos por códigos alfanuméricos ao longo da análise. O roteiro das entrevistas foi composto por perguntas abertas, mas com margem para adaptações conforme o andamento da conversa, característica típica da entrevista semiestruturada. Segundo Godoi e Mattos (2006), essa abordagem permite ao pesquisador explorar mais livremente aspectos inesperados, respeitando o fluxo natural da fala dos entrevistados e favorecendo a produção de sentidos mais densos e subjetivos.

Após a fase de coleta, os dados obtidos tanto dos formulários quanto das entrevistas foram submetidos à Análise de Conteúdo, conforme proposto por Bardin (2011). Esta metodologia visa identificar núcleos de sentido, categorias e padrões nos relatos coletados. Essa análise permitiu a categorização de trechos relevantes a partir da identificação dos padrões de discursos identificados, facilitando a organização das respostas em eixos temáticos como: informalidade, instabilidade, ausência de garantias, reconhecimento profissional e relações com contratantes.

Com base nesta metodologia, o próximo tópico apresenta os resultados obtidos no formulário, destacando o perfil e as condições de trabalho dos freelancers do setor de eventos

em Ouro Preto, bem como os fatores que influenciam suas formas de contratação e inserção no mercado local.

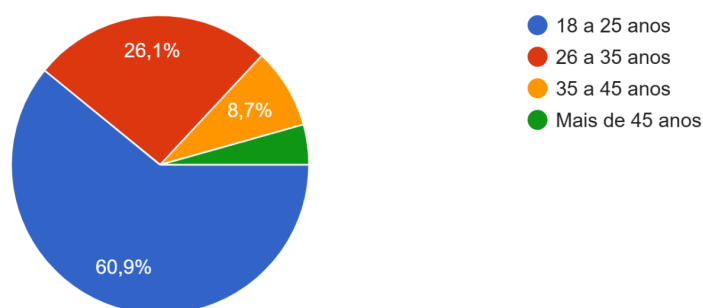
3.5. Perfil e condições de trabalho dos freelancers no setor de eventos de Ouro Preto

Como apresentado anteriormente, o setor de eventos em Ouro Preto ocupa um papel relevante tanto na dinâmica turística quanto na economia local, movimentando diferentes segmentos, como o cultural, o universitário e o de serviços.

A realização constante de festas, festivais e celebrações religiosas atrai uma ampla rede de trabalhadores temporários e autônomos, entre eles os profissionais freelancers, que se tornaram essenciais para a operacionalização dessas atividades.

Com o auxílio da plataforma Google Forms, foi realizado o levantamento, a tabulação e o cruzamento das informações coletadas junto aos freelancers do setor de eventos de Ouro Preto. O objetivo desse procedimento foi compreender o perfil e as percepções desses trabalhadores em relação às suas condições de trabalho e à valorização profissional. Para melhor apresentação dos resultados, foram utilizadas as próprias tabelas e gráficos gerados pelo Google Forms, que serviram de base para a elaboração das análises a seguir.

Gráfico 1- Faixa etária dos indivíduos

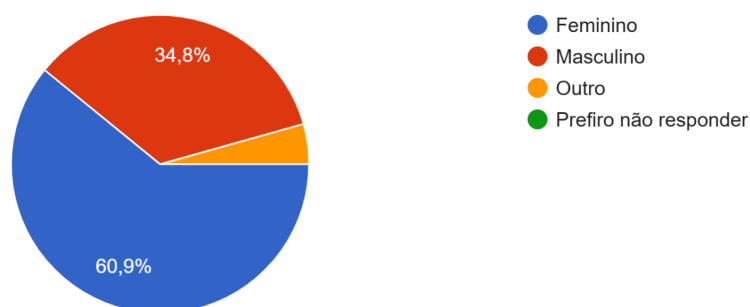


Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

Os dados apresentados no primeiro gráfico permitem iniciar a análise do perfil sociodemográfico da amostra. Observa-se que 60,9% dos respondentes têm entre 18 e 25 anos, faixa etária compatível com a média nacional dos graduandos das IFES, estimada em 24,4 anos pela V Pesquisa Nacional de Perfil dos Graduandos (2018). Essa convergência

etária indica que a inserção no trabalho freelancer em eventos ocorre, predominantemente, durante a trajetória universitária, evidenciando a forte presença de jovens em início de formação profissional no setor. Tal configuração contribui para compreender a dinâmica de rotatividade e a natureza complementar da atividade no contexto local.

Gráfico 2 - Gênero dos indivíduos



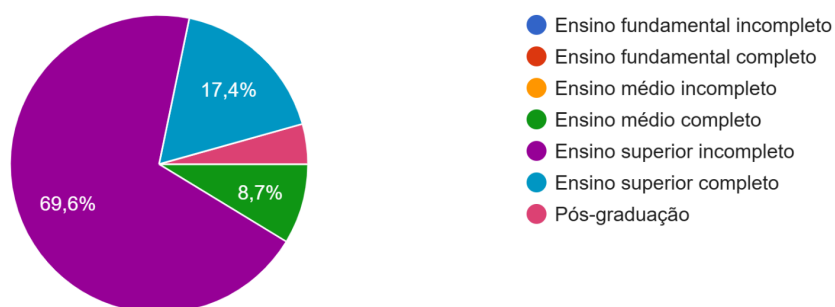
Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

No que se refere à identidade de gênero, 60,9% dos participantes declararam se identificar-se como mulheres, 34,6% como homens e 4,5% como outro gênero. A predominância feminina na amostra dialoga com dados da V Pesquisa Nacional de Perfil dos Graduandos das IFES (2018), que aponta as mulheres como maioria no ensino superior brasileiro. Segundo o levantamento, essa superioridade numérica está relacionada, entre outros fatores, à maior permanência feminina na trajetória educacional, enquanto parcela significativa dos homens tende a ingressar mais precocemente no mercado de trabalho formal. Nesse sentido, a composição de gênero observada entre os freelancers reflete não apenas a dinâmica do setor de eventos, mas também a estrutura demográfica do ambiente universitário no qual esses trabalhadores estão inseridos.

Essa predominância feminina também se manifesta no perfil dos respondentes desta pesquisa, uma vez que parte significativa atua como freelancer concomitantemente à formação acadêmica. Os dados de escolaridade reforçam essa interpretação: 69,6% dos participantes possuem ensino superior incompleto e 17,4% ensino superior completo, indicando que a inserção no mercado de eventos ocorre majoritariamente durante a trajetória universitária. Tal configuração sugere que o setor absorve sobretudo jovens em processo de qualificação, com expressiva participação feminina, em consonância com a composição demográfica do ensino superior.

A maior presença de mulheres na amostra, representando 60,9%, mostra o que a literatura chama de feminização da precariedade. De acordo com Toledo e Reis (2025), o capitalismo usa as diferenças de gênero como uma estratégia para fortalecer a exploração, empurrando as mulheres para trabalhos mais instáveis. No setor de eventos em Ouro Preto, essa vulnerabilidade fica ainda mais evidente: como explica Silvia Federici (2017), o trabalho de serviço e cuidado sempre foi desvalorizado por ser visto como algo natural das mulheres. Por isso, o turismo acaba empregando muitas dessas mulheres em empregos informais e com horários intermitentes, o que as deixa não só em situação de insegurança financeira, mas também expostas a riscos de abusos e assédios, especialmente em ambientes de trabalho sem proteção adequada.

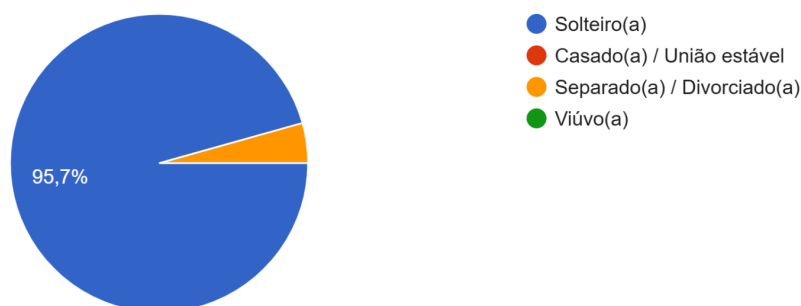
Gráfico 3 - Nível de escolaridade



Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

Quanto ao estado civil, 95,7% dos participantes declararam ser solteiros. Esse dado compreende o perfil jovem identificado na pesquisa e também reflete a realidade de Ouro Preto como cidade universitária, onde grande parte dos moradores está em fase de formação e início de carreira.

Gráfico 4 - Estado Civil



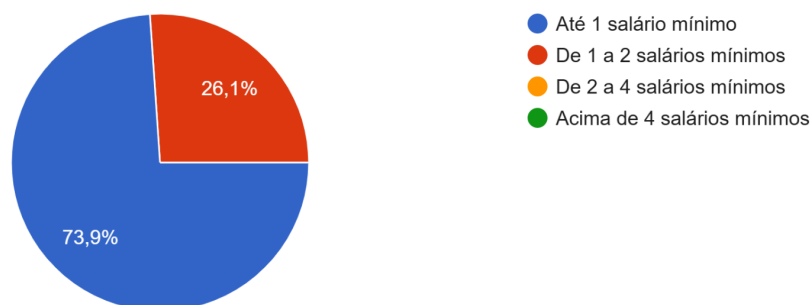
Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

No que se refere à renda dos participantes, observa-se que 73,9% ganham até um salário mínimo e 26,1% entre um e dois salários mínimos, revelando um cenário de baixa remuneração entre os freelancers. Visto que, esses valores ficam muito abaixo do rendimento domiciliar per capita de Minas Gerais, que, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua (IBGE, 2024), é de R\$ 2.001, e também inferior à média nacional de R\$2.069. Esses valores dialogam com o perfil de renda dos estudantes brasileiros, público que compõe grande parte da força de trabalho freelancer em Ouro Preto..

Utilizando-se novamente da “V Pesquisa Nacional de Perfil dos Graduandos das IFES (2018)” como base para análise, mais da metade dos universitários vive em famílias com renda per capita de até um salário mínimo e 70,2% pertencem a famílias com renda de até um salário mínimo e meio. Isso significa que muitos estudantes já estão inseridos em contextos de renda limitada, o que contribui para que busquem atividades eventuais como forma de complementar o orçamento. Assim, a baixa renda identificada entre os freelancers não apenas reflete a realidade do setor de eventos, mas também se relaciona diretamente ao perfil socioeconômico do público universitário que predomina na cidade.

Em Ouro Preto, a superexploração da força de trabalho ganha um contorno específico devido à organização estudantil em repúblicas. Ao dividirem o custo de vida (aluguel, alimentação), esses estudantes conseguem sobreviver com remunerações que seriam insuficientes em outros contextos. Como explica Marini (2005), o capital se aproveita desse baixo custo de reprodução da força de trabalho para manter as diárias em patamares ínfimos, convertendo o que seria o fundo de consumo do trabalhador em lucro para as empresas de eventos.

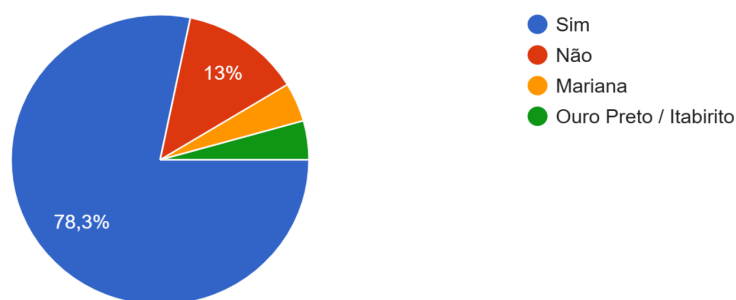
Gráfico 5 - Renda Média Mensal



Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

Quanto ao local de residência, o questionário mostra que 79,3% dos participantes residem em Ouro Preto, enquanto 13% afirmaram não morar mais na cidade. Além disso, 4,3% vivem em Mariana e 4,3% circulam entre Ouro Preto e Itabirito. Essa variação se explica pela forma de aplicação do formulário, que foi divulgado principalmente entre conhecidos, colegas e ex-colegas da universidade, grupos que possuem alunos e ex-alunos. Assim, parte dos respondentes corresponde a pessoas que já passaram pela vida acadêmica em Ouro Preto, trabalhavam ou trabalham como freelancers durante esse período e, mesmo após se formarem, mantêm vínculo com a cidade ou com o setor de eventos da cidade. Esse aspecto não compromete os resultados, mas amplia a compreensão sobre a trajetória desses profissionais, evidenciando que o trabalho freelancer muitas vezes acompanha os estudantes mesmo após sua saída do município.

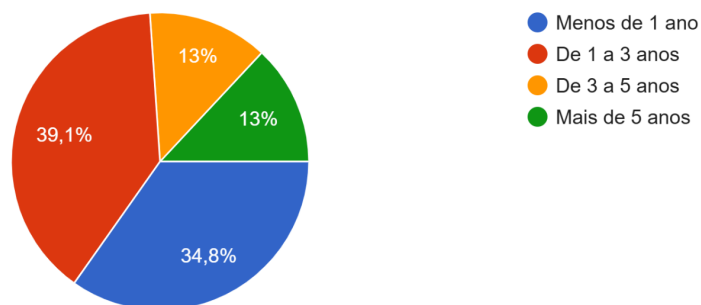
Gráfico 6 - Localização



Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

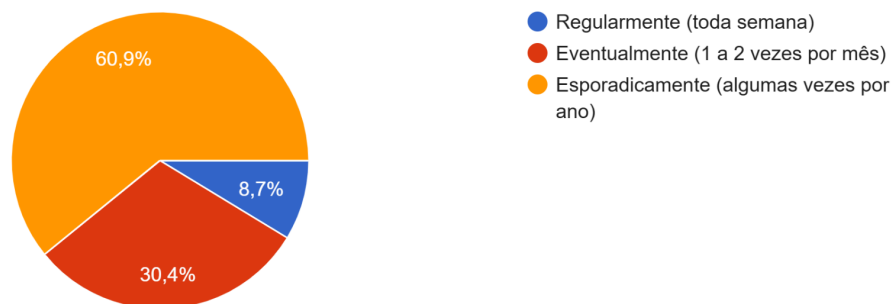
No segundo momento do formulário, o foco é a experiência do indivíduo como freelancer em eventos. Em suma, observa-se que a maior parte dos participantes tem experiência recente como freelancer em eventos. Do total, 39,1% atuam entre 1 e 3 anos, enquanto 34,8% possuem menos de 1 ano de atividade, o que reforça a predominância de profissionais jovens ou em início de carreira. Já 13% trabalham nessa função há 3 a 5 anos e outros 13% possuem mais de 5 anos de experiência, indicando a presença de um grupo mais consolidado no setor. Essa distribuição evidencia que, embora haja rotatividade característica do mercado de eventos, especialmente em cidades universitárias como Ouro Preto, também existe um segmento que permanece na atividade por períodos mais longos, acumulando conhecimento prático.

Gráfico 7 - Tempo que atua como freelancer no setor de eventos



Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

Gráfico 8 - Frequência de prestação de serviços

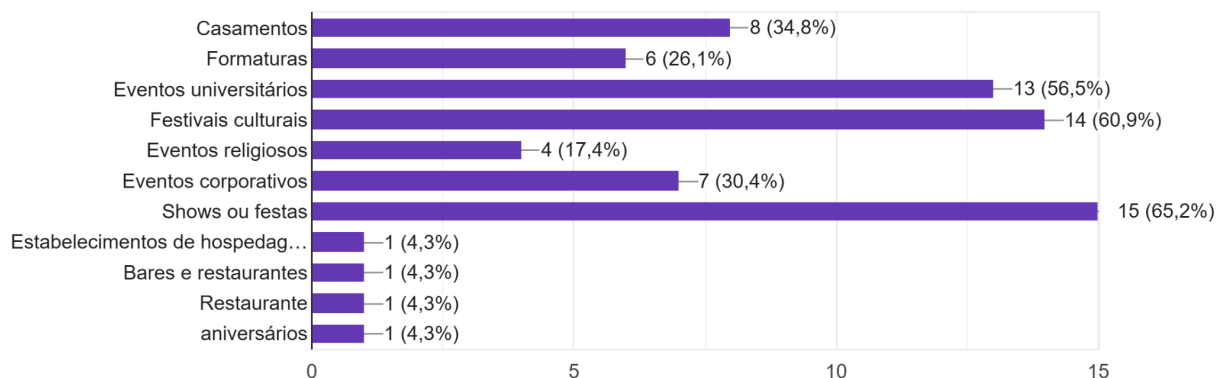


Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

Conforme o Gráfico 8 (Frequência de Serviços), a maioria dos respondentes atua apenas de forma Esporádica (60,9% - 1 a 2 vezes por ano) ou Eventual (30,4% - algumas vezes por mês). Apenas uma pequena parcela (8,7%) consegue trabalhar regularmente (toda semana).

Essa distribuição confirma que, para a maioria dos profissionais de Ouro Preto, o freelancing no setor de eventos não configura uma fonte de renda estável e previsível. Pelo contrário, a alta porcentagem de atuação eventual e esporádica está intrinsecamente ligada à instabilidade financeira citada como o maior desafio (visto que 73,9% dos freelancers possuem renda de até 2 salários mínimos)

Gráfico 9 - Tipos de eventos



Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

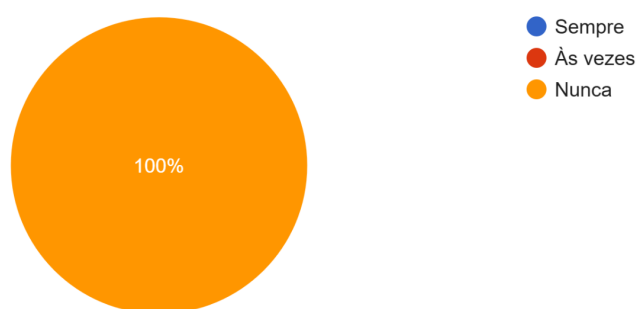
No que tange os dados sobre os tipos de eventos os quais os freelancers tem prática de trabalhar, revela que os Shows ou Festas (65,2%), Festivais Culturais (60,9%) e Eventos Universitários (56,5%) são os segmentos que mais dependem da força de trabalho freelancer em Ouro Preto.

O intenso fluxo de festivais e eventos culturais em Ouro Preto não apenas movimentam a economia local, mas sustentam um mercado de trabalho profundamente dependente do ecossistema acadêmico. A participação expressiva de estudantes como freelancers revela que a rotina universitária e o circuito de eventos não são esferas separadas, mas sim complementares: o estudante utiliza o trabalho eventual para custear sua permanência na cidade. No entanto, essa relação guarda uma faceta perversa da superexploração. Ao viverem em repúblicas e dividirem custos, esses jovens conseguem reduzir seu custo de vida, o que, paradoxalmente, permite que as empresas ofereçam diárias baixas que não cobririam as despesas de um trabalhador com custos de moradia individuais. Assim, o 'estilo de vida' universitário acaba sendo capturado pelo mercado de eventos como uma forma de manter a força de trabalho barata e precarizada.

Relativamente à existência de um trabalho fixo, as respostas mostram que a maior parte dos participantes não possui emprego formal, recorrendo aos freelancers como principal oportunidade de complemento de renda. Entre aqueles que têm vínculo estável, aparecem atividades como atendimento em lanchonete, hotelaria, estágios e prestação de serviços pontuais.

O terceiro momento do formulário busca compreender as condições de trabalho oferecidas pelo setor de eventos aos prestadores de serviços. Iniciando com análise sobre a formalização do vínculo e o tipo de contratação evidencia a completa ausência de segurança trabalhista.

Gráfico 12 - Condições de trabalho

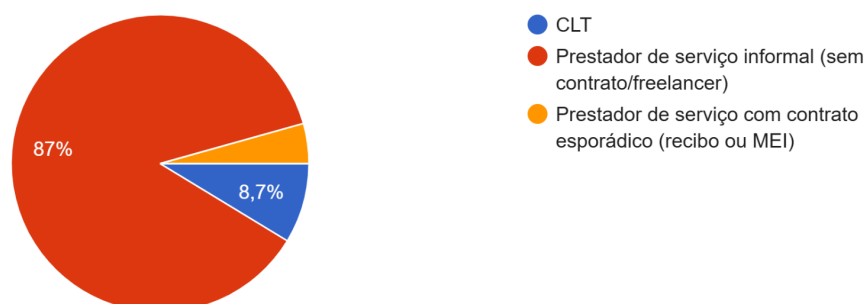


Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

Embora 100% dos participantes tenham indicado não possuir carteira assinada no exercício da atividade no setor de eventos, 8,7% declararam atuar sob regime CLT. Essa aparente contradição pode ser explicada pelo fato de que o vínculo formal informado não necessariamente se refere à atuação no setor de eventos, mas possivelmente a outra atividade profissional desempenhada pelo participante, evidenciando a existência de múltiplas inserções no mercado de trabalho.

No que se refere especificamente à dinâmica de trabalho nos eventos, observa-se que 87% dos freelancers atuam como prestadores de serviço informais (sem contrato), enquanto apenas 4,3% mencionaram contrato esporádico ou formalização como MEI. Esses dados indicam que o setor de eventos em Ouro Preto se estrutura majoritariamente por meio de relações desregulamentadas, frequentemente baseadas em acordos verbais e na ausência de vínculo empregatício, configurando uma estratégia de flexibilização e redução de custos.

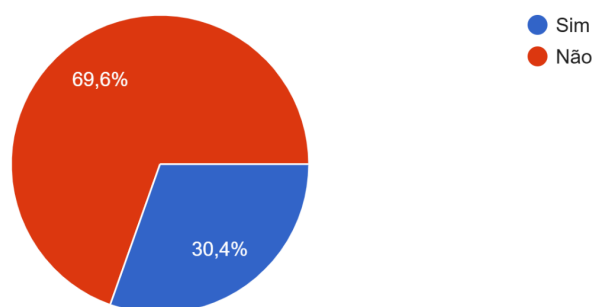
Gráfico 13- Tipo de contratação



Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

A falta de formalização e de contratos culmina na insegurança do recebimento e na violação de direitos básicos. Embora 69,6% dos participantes afirmem nunca terem deixado de receber por um serviço, um percentual significativo (30,4% dos freelancers) já enfrentou o não pagamento por trabalhos prestados.

Gráfico 14 - Remuneração



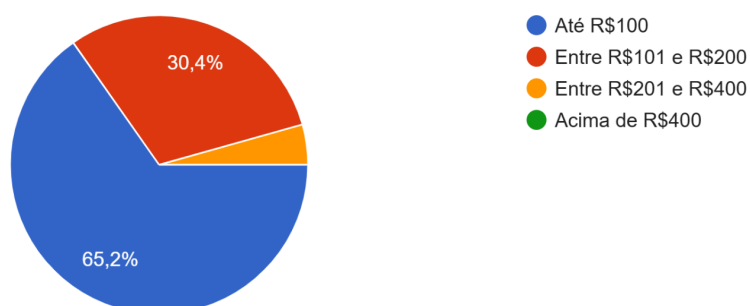
Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

Os dados sobre remuneração e jornada de trabalho demonstram a baixa valorização da hora trabalhada e a intensificação da jornada. Em relação à remuneração por diária de evento, a maioria absoluta (65,2%) recebe até R\$100,00 e outros 30,4% recebem entre R\$101,00 e R\$200,00. Ou seja, 95,6% dos participantes recebem até R\$200,00 por evento. Esta remuneração contrasta drasticamente com a jornada de trabalho, onde 87% dos *freelancers* trabalham de 7 a 12 horas (e 8,7% trabalham até 15 horas). A conjugação desses dados revela uma jornada longa com pagamento ínfimo, caracterizando a exploração do trabalho e a

precarização da renda, que é o motor do modelo de acumulação flexível, como destaca o autor Harvey (2014).

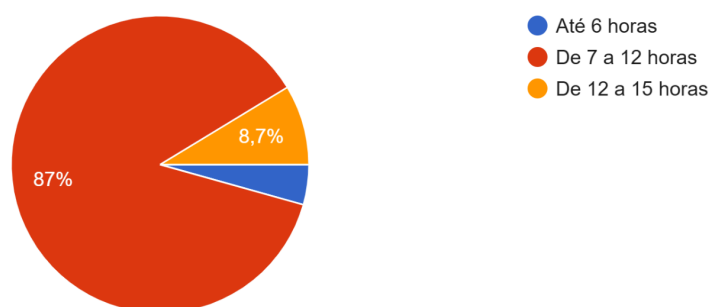
As jornadas de trabalho longas, que podem chegar a 12 ou até 15 horas seguidas, junto com uma remuneração muito baixa, nos levam a pensar na ideia de superexploração da força de trabalho, como foi explicada por Ruy Mauro Marini (2005). Segundo ele, essa superexploração acontece quando o trabalhador precisa gastar energia além do que é considerado normal socialmente, seja por causa de jornadas excessivas, ritmo acelerado de trabalho ou salários abaixo do necessário para sua própria sobrevivência social. No caso dos freelancers que atuam no setor de eventos em Ouro Preto, essa situação fica bem clara: longas horas de trabalho são vistas como algo comum, enquanto os ganhos continuam insuficientes para garantir uma condição mínima de estabilidade e segurança.

Gráfico 15 -Valores de Remuneração



Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

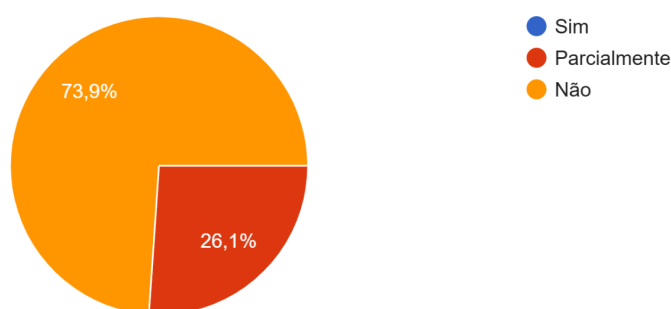
Gráfico 16- Horas trabalhadas



Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

Em um quarto momento, o questionário aborda a percepção do sujeito sobre a precarização do trabalho freelancer. A percepção de valorização dos profissionais de eventos é extremamente baixa. Ao serem questionados se sentem que seu trabalho é valorizado, a grande maioria dos participantes, 73,9%, respondeu "Não", enquanto 26,1% responderam "Parcialmente". O percentual de profissionais que se sente valorizado é nulo (0%).

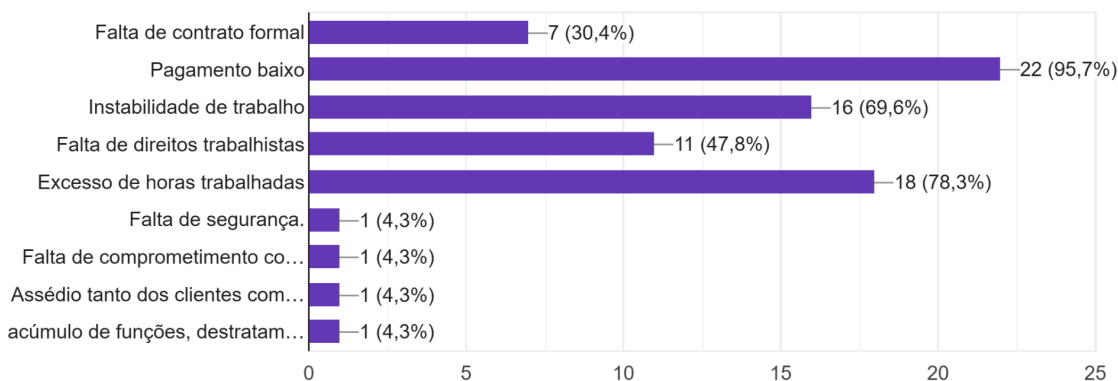
Gráfico 17 - Valorização



Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

As maiores dificuldades apontadas pelos freelancers personifica os principais problemas estruturais do setor. No questionário de múltipla escolha, o pagamento baixo foi o desafio mais citado, com 95,7% das marcações, seguido pelo excesso de horas trabalhadas (78,3%) e pela instabilidade de trabalho (69,6%). A falta de direitos trabalhistas (47,8%) e a falta de contrato formal (30,4%) também se destacaram. O peso quase unânime da insatisfação com a remuneração valida a análise anterior (95,6% recebem até R\$200 por evento), enquanto a alta marcação sobre o excesso de horas e a instabilidade confirmam a intensificação da exploração e a insegurança como as consequências mais severas da flexibilização.

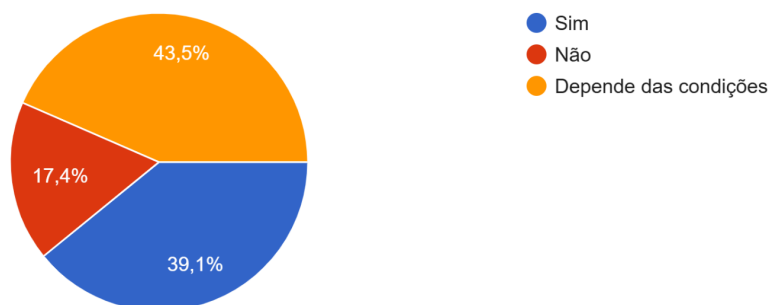
Gráfico 18 - Dificuldades



Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

O desejo por um trabalho formal no setor de eventos não é unânime, já que nem todos os freelancers possuem formação ou interesse na área. Ainda assim, esse desejo é predominante, revelando uma insegurança entre os trabalhadores. A maior parte dos respondentes afirmou que "Depende das condições" (43,5%), enquanto 39,1% responderam "Sim" e apenas 17,4% responderam "Não". O alto percentual de "Depende das condições" indica que os freelancers não rejeitam a modalidade freelancer a princípio, mas sim pelas condições precárias que lhes são impostas. O desejo por um vínculo estável ou, no mínimo, por condições justas aponta para a necessidade de regulação e de melhoria das condições na contratação.

Gráfico 19 - Trabalho formal



Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

O quinto e último bloco do formulário foi composto por três perguntas abertas, nas quais os respondentes tiveram espaço para responder às seguintes questões:

1. Descreva, com suas próprias palavras, como é sua rotina de trabalho em eventos.
2. Você já enfrentou alguma situação de desvalorização ou abuso durante um trabalho? Se sim, descreva.
3. O que você acredita que poderia melhorar nas condições de trabalho para os freelancers de eventos em Ouro Preto?

Relacionado a rotina de trabalho dos freelancers, em sua maioria, exaustiva e multifuncional. Os participantes relatam longas jornadas, acúmulo de funções e pausas insuficientes, evidenciando a intensidade e a exigência física e mental dessa atividade. Profissionais que atuam em funções técnicas, como fotografia, destacam ainda a responsabilidade adicional de preservar equipamentos e entregar trabalhos de qualidade dentro de prazos muitas vezes apertados.

Sobre a pergunta de número 2, as situações relatadas foram, em grande parte, alarmantes do ponto de vista da desvalorização e do abuso. Os freelancers destacaram atrasos ou pagamentos insuficientes, cobrança por funções não previstas e, em casos mais graves, assédio moral e sexual. Esses relatos evidenciam a vulnerabilidade dos profissionais diante da informalidade do setor e da ausência de mecanismos efetivos de proteção e fiscalização.

Como a maior parte da pesquisa foi feita com mulheres, a questão da precarização do trabalho freelancer também tem uma dimensão de gênero. A informalidade, a falta de contratos e a ausência de mecanismos de proteção deixam essas trabalhadoras mais vulneráveis a situações de desvalorização, abuso e assédio, como foi relatado nos questionários e entrevistas. Em ambientes onde as relações de trabalho não são bem regulamentadas, as desigualdades entre homens e mulheres tendem a ficar ainda mais evidentes, já que as mulheres geralmente ocupam posições mais frágeis e com menor poder de negociação. Por isso, a insegurança que as freelancers enfrentam não deve ser vista apenas como um problema individual ou momentâneo, mas como parte de uma estrutura de trabalho que não oferece proteção adequada e que, de forma desigual, expõe corpos femininos à exploração e à violência, tanto simbólica quanto física.

Ao final do questionário, a última pergunta investigou a possibilidade de melhoria das condições de trabalho e solicitou sugestões dos participantes. Entre as propostas, destacam-se remuneração mais justa, pausas adequadas, fornecimento de alimentação e transporte, regulamentação formal das funções e contratação, além de capacitação profissional. Esses apontamentos refletem que os freelancers não buscam grandes alterações no setor, mas sim condições mínimas e dignas de trabalho, semelhantes àquelas garantidas a trabalhadores com vínculo formal regido pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

Apesar de o formulário ter permanecido disponível por um período significativo de tempo, o número de respostas obtidas foi reduzido, fato reconhecido em pesquisas que utilizam questionários online. Segundo Carlomagno (2021), *surveys*⁶ digitais apresentam desafios estruturais que afetam diretamente a taxa de participação, sobretudo quando se utilizam métodos de amostragem não probabilística, como a divulgação em redes sociais. Entre esses desafios, destaca-se o viés de autoseleção, no qual apenas indivíduos mais interessados no tema tendem a responder, enquanto grande parte dos potenciais participantes ignora o questionário. Somado com a ausência de controle sobre quem visualiza o formulário, a dispersão típica das redes sociais e a tendência geral à não-resposta, especialmente quando não há incentivo direto para participação (Carlomagno, 2021). Como salienta o autor, pesquisas online sofrem também com problemas de alcance, pois abrange somente quem está online digitalmente no período de divulgação, o que naturalmente reduz o volume total de respostas. Dessa forma, a baixa adesão ao formulário não diminui a importância da pesquisa. Pelo contrário, ela revela limites naturais desse tipo de coleta de dados, especialmente quando realizada em ambientes virtuais

3.6. Fatores que moldam a contratação de freelancers na cidade

A contratação de freelancers no setor de eventos em Ouro Preto é ajustada por um conjunto de fatores que atravessam os anos, a economia, a cultura e a própria forma como a cidade organiza sua vida social. Em um município conhecido pela alta demanda do turismo e pela presença constante de festas, celebrações religiosas, festivais culturais e eventos acadêmicos, a necessidade por trabalhadores temporários é tão antiga quanto os próprios

⁶ O termo inglês *survey* costuma ser traduzido como “levantamento de dados” e refere-se a pesquisas realizadas por meio de questionários, predominantemente com perguntas fechadas e aplicadas a uma amostra da população. Seu objetivo é coletar opiniões ou informações padronizadas, permitindo comparação entre respostas. Os *surveys* podem utilizar amostragem probabilística ou não probabilística, o que impacta diretamente a possibilidade de generalização dos resultados (GÜNTHER, 2003; COUPER, 2000).

eventos que compõem a cultura ouro-pretana. Como apontam Valadares (2024), Tenório (2019) e Ferreira et al. (2021), essa dinâmica não surge por acaso: ela é resultado direto da sazonalidade turística, da instabilidade do setor e das fragilidades estruturais que atravessam a cadeia produtiva dos eventos na cidade.

A sazonalidade é um dos principais fatores que explicam a predominância da força de trabalho temporária/freelancers. O fluxo turístico de Ouro Preto oscila intensamente ao longo do ano, concentrando-se em períodos como Carnaval, Semana Santa e Festival de Inverno, momentos em que o volume de visitantes é tão grande que a demanda por serviços cresce extremamente. Como destaca Valadares (2024), essa instabilidade cria ciclos de “altos e baixos” que impossibilitam contratações formais contínuas, levando organizadores a recorrerem à flexibilidade dos trabalhadores temporários. Nos meses de baixa temporada, por outro lado, o movimento cai drasticamente, tornando ainda mais inviável para as empresas manterem equipes fixas.

A lógica econômica local também reforça esse padrão. Em seu estudo, Ferreira et al. (2021) mostram que mais de 30% das empresas do setor não possuem funcionários registrados, contratando freelancers apenas nos dias de evento. Essas contratações, segundo os autores, refletem a própria estrutura do mercado: uma cadeia produtiva ampla, fragmentada e altamente dependente de equipes eventuais. Assim, a informalidade não é apenas possível, ela se torna prática e muitas vezes, essencial para o funcionamento do setor.

Esse modelo se reforça quando observamos a forma como os eventos são organizados em Ouro Preto. Tanto Valadares (2024) quanto Ferreira et al. (2021) destacam que o planejamento é frequentemente feito em cima da hora, sem um calendário consolidado que facilite a programação antecipada. Como afirmou um entrevistado por Ferreira et al. (2021) durante o Convention & Visitors Bureau, “os eventos em Ouro Preto são planejados muito em cima da hora”, o que dificulta qualquer estrutura de contratação estável. Nesse cenário, os freelancers tornam a solução imediata: são profissionais que podem ser acionados rapidamente, que operam sem custos fixos para as empresas e que já estão inseridos em redes informais de contatos, principal mecanismo de recrutamento no setor.

Outro fator que molda profundamente a contratação de freelancers é a existência de uma grande população jovem e universitária na cidade, o que aumenta a oferta de pessoas interessadas em trabalhos temporários para complementar a renda. Esse cenário cria uma concorrência acirrada, reduz o poder de negociação dos trabalhadores e favorece remunerações mais baixas, reforçando a precarização.

A pandemia da COVID-19, analisada por Ferreira et al. (2021), escancarou a fragilidade dessa lógica. Com o cancelamento abrupto dos eventos, muitos freelancers ficaram completamente sem renda, já que atuavam sem contratos, sem vínculos e sem redes de proteção social.

Diante dos fatos apresentados, fica evidente que a contratação de freelancers em Ouro Preto não é fruto de um único fator, mas de um conjunto de condições e práticas que se reforçam mutuamente, dentre elas são a sazonalidade do turismo; a informalidade histórica do setor; o planejamento tardio dos eventos; a dependência de redes pessoais; a falta de políticas públicas; a fragmentação da cadeia produtiva e a abundância de força de trabalho jovem e disponível.

O resultado desses elementos cria um mercado de trabalho ativo, mas profundamente instável, no qual os freelancers são fundamentais para o funcionamento, mas permanecem invisíveis, desamparados e vulneráveis às oscilações do setor.

4. DISCUSSÃO DA PRECARIZAÇÃO E RECOMENDAÇÕES PARA O CONTEXTO OUROPRETANO

Este capítulo busca aproximar teoria e realidade ao discutir como a precarização do trabalho se manifesta no dia a dia dos freelancers que atuam no setor de eventos em Ouro Preto. Antunes (2018) nos aponta que a precarização não aparece de forma isolada, é sim em um cenário marcado pela flexibilização, pela informalidade e pela constante instabilidade que atravessa o mundo do trabalho. Para ilustrar esse cenário, o capítulo apresenta as vivências e percepções de dois freelancers ativos na cidade, cujas falas ajudam a compreender, de forma mais concreta e sensível, os desafios enfrentados por quem depende desse tipo de atuação.

4.1. A Precarização vivida: conectando teoria e os achados de Ouro Preto

O setor de eventos, em particular, sofreu severamente com cancelamentos e adiamentos durante a pandemia da COVID-19, mesmo após a retomada das atividades, o que levou ao fechamento de empresas e à perda de postos de trabalho. A redução no número de visitantes, o corte nos gastos com lazer e o aumento da incerteza econômica impactaram diretamente o setor, enfraquecendo ainda mais as relações de trabalho.

Entre os diversos segmentos turísticos, o setor de eventos se destaca pela sua capacidade de estimular e ampliar as opções de atividades turísticas, gerar visibilidade para os destinos e transformar realidades locais (Barreto, 2003). Contudo, uma parte significativa da força de trabalho empregada nessa área é formada por trabalhadores terceirizados, freelancers e informais, conforme aponta a Associação Brasileira de Empresas de Eventos (ABEOC, 2013). Diante dessa realidade que afeta diretamente a vida de trabalhadores, especialmente aqueles que atuam de forma autônoma e sem garantias, torna-se urgente refletir sobre os impactos dessa dinâmica e compreender por que é tão importante investigar esse tema.

Para compreender de forma mais aprofundada as dinâmicas da precarização no setor de eventos de Ouro Preto, este capítulo apresenta e analisa os resultados das entrevistas realizadas com duas profissionais que atuam como freelancers na cidade. As participantes, identificadas como **Entrevistada 1** e **Entrevistada 2**, trouxeram relatos que ajudam a compreender, de maneira prática, como a precarização, amplamente discutida no referencial teórico, se manifesta no cotidiano desses trabalhadores. As entrevistadas possuem perfis distintos, mas ambas acumulam vivências significativas no mercado local:

Entrevistada 1: 29 anos, gastróloga, bacharela em Turismo e mestranda, residente há sete anos em Ouro Preto. Atua como freelancer desde 2018, principalmente em festivais, eventos científicos e festas de rua.

Entrevistada 2: 27 anos, graduanda em Letras, moradora há quatro anos em Ouro Preto. Atua em eventos infantis, recepção, bar, mediação e funções diversas.

As entrevistas, realizadas de forma semiestruturada, permitiram identificar padrões, desafios e percepções que dialogam diretamente com o referencial teórico abordado anteriormente.

As entrevistas semiestruturadas, como a própria designação sugere, têm como característica um roteiro preestabelecido no qual o pesquisador inclui um pequeno número de perguntas abertas e deixa o entrevistado livre para falar, podendo realizar perguntas complementares para compreender o fenômeno investigado. (DE OLIVEIRA; GUIMARÃES, FERREIRA. 2023)

A informalidade contratual aparece como característica dominante. Ambas relataram que não possuem qualquer tipo de contrato escrito, sendo os acordos sempre verbais. Como afirma a Entrevistada 2: “Informais, sendo todas as contratações por meio verbal” (ENTREVISTADA 2, informação verbal, 2025). A Entrevistada 1 confirma que “os acordos sempre foram informais”, reforçando a naturalização desse formato no setor.

Outro aspecto recorrente diz respeito à instabilidade financeira e emocional, especialmente evidente no relato da Entrevistada 1, que afirma: “Durante a graduação afetava muito meu emocional porque não sabia se teria aquele a mais para gastos eventuais” (ENTREVISTADA 1). A Entrevistada 2 complementa, indicando que essa incerteza também prejudica seu planejamento: “Não saber quando vai ser o próximo evento afeta minha vida financeira” (ENTREVISTADA 2)

Esses relatos demonstram que a imprevisibilidade do trabalho freelancer vai além do financeiro, atingindo também dimensões emocionais e de organização da vida pessoal, algo amplamente discutido nos estudos sobre precarização.

Embora o trabalho freelancer na área de eventos não seja feito por meio de plataformas digitais, podemos perceber uma dinâmica parecida com a chamada uberização do trabalho. Essa situação acontece quando os riscos da atividade ficam totalmente nas mãos do trabalhador. É como uma "uberização analógica", onde o freelancer assume os custos, a

instabilidade, a imprevisibilidade da renda e a falta de direitos, enquanto quem contrata se beneficia da maior flexibilidade e de custos menores. Nesse tipo de modelo, o trabalhador fica sozinho para lidar com o sucesso ou fracasso do trabalho, mesmo estando dentro de uma estrutura que limita suas opções e sua proteção.

A remuneração insuficiente é outro ponto central. Segundo a Entrevistada 1, “a remuneração não condizente com o trabalho” é um dos principais desafios enfrentados (ENTREVISTADA 1). A Entrevistada 2 acrescenta que, mesmo quando o pagamento deveria ocorrer ao final do serviço, “nem sempre isso ocorre” (ENTREVISTADA 2).

Além disso, há falas que evidenciam a relação tensa entre pagamento e desempenho:

“Sempre. No meu caso refletia da seguinte forma: me paga o mínimo e eu trabalho o mínimo.” (ENTREVISTADA 1, informação verbal, 2025).

A ausência completa de direitos trabalhistas também é consenso entre as entrevistadas, que afirmam não ter acesso a férias, 13º salário, descanso remunerado ou contribuição previdenciária. Ao ser questionada sobre isso, a Entrevistada 1 responde de forma direta: “Não” (ENTREVISTADA).

As condições práticas de trabalho variam entre eventos, sem garantias básicas como pausas ou transporte. A Entrevistada 2 afirma: “Na maior parte não existe pausa [...] na maior parte não é fornecido transporte” (ENTREVISTADA 2), o que evidencia a falta de padronização e cuidado com as trabalhadoras.

A falta de treinamento adequado também foi mencionada como um problema recorrente. Segundo a Entrevistada 2: “Orientações sim, treinamento não. Seria muito importante” (ENTREVISTADA 2). Essa insuficiência compromete a segurança e a qualidade do serviço, além de transferir às próprias trabalhadoras a responsabilidade de aprender sozinhas.

As entrevistadas também destacam o impacto da presença estudantil na cidade, que amplia a oferta de força de trabalho e contribui para a baixa remuneração. Como afirma a Entrevistada 2: “Muitas vezes quem aceita os trabalhos mais baratos são os mais necessitados” (ENTREVISTADA 2), indicando que a vulnerabilidade econômica molda as dinâmicas de contratação.

A análise do perfil dos trabalhadores evidencia que a precarização no setor de eventos em Ouro Preto possui um recorte de gênero bastante significativo. Os dados quantitativos indicam que 60,9% dos respondentes são mulheres, proporção que também se confirma nas entrevistas qualitativas, já que ambas as profissionais ouvidas são do sexo feminino. Essa predominância não se trata de mera coincidência estatística, mas dialoga com o fenômeno da feminização da precariedade.

No contexto neoliberal, como discutem Toledo e Reis (2025), a pobreza e a instabilidade laboral atingem de forma mais intensa as mulheres, especialmente nos setores de serviços. Federici (2017) contribui para essa reflexão ao demonstrar como o trabalho de servir, cuidar e atender foi historicamente naturalizado como extensão das “habilidades femininas”, o que contribui para sua desvalorização econômica. No setor de eventos, essa lógica se materializa na oferta de vínculos informais, remunerações reduzidas e na ausência de garantias mínimas. As entrevistadas relatam que o trabalho freelancer, embora necessário para complementar renda, as expõe a jornadas prolongadas, insegurança física e situações de assédio, sobretudo em eventos noturnos. Assim, a precarização assume também uma dimensão de vulnerabilidade de gênero.

A forte presença de estudantes da UFOP configura o que a tradição marxista denomina exército industrial de reserva, como destaca Marini (2005). A necessidade imediata de renda para garantir permanência na universidade amplia a oferta de mão de obra disposta a aceitar diárias reduzidas e condições exaustivas. Como mencionado pelas entrevistadas, há uma “naturalização” dos bicos como parte da vida universitária, o que contribui para enfraquecer o poder de negociação desses trabalhadores

Pressionados pela necessidade de custear a permanência na cidade, muitos jovens buscam renda imediata, aceitando diárias reduzidas e condições exaustivas. Esse cenário é agravado pela organização estudantil em repúblicas: ao compartilharem moradia e despesas, esses trabalhadores conseguem reduzir seu custo de reprodução social, o que, paradoxalmente, dá margem para que as empresas mantenham remunerações abaixo do valor real de mercado. Com uma oferta de força de trabalho constante e vulnerável, o poder de negociação do freelancer é anulado, consolidando um ciclo de desvalorização onde a superexploração se torna a base da rentabilidade do setor de eventos local.

Por fim, ambas reconhecem que a adoção do modelo freelancer está diretamente ligada à redução de custos por parte dos contratantes. A Entrevistada 1 afirma que a preferência ocorre principalmente: “Para não pagar impostos” (ENTREVISTADA 1). Esse posicionamento demonstra que a precarização não é um resultado casual, mas uma escolha estrutural que responde aos interesses econômicos dos organizadores de eventos.

Ao analisarmos o que as entrevistadas compartilharam, podemos ver claramente como o setor de eventos na cidade enfrenta uma situação bastante difícil. Uma informação que se repete nas conversas é que muitas trabalham de 12 a 15 horas seguidas, e recebem por isso diárias que, muitas vezes, não passam de R\$100,00.

Para entender melhor o quão sério é esse problema, basta fazer um cálculo simples: se uma pessoa trabalha 15 horas e recebe R\$100, isso dá cerca de R\$6,66 por hora. Quando comparado ao valor do salário mínimo nacional de 2025⁷, que é aproximadamente R\$6,89 por hora (lembrando que esse valor pode mudar dependendo do ano), vemos que o freelancer de Ouro Preto está ganhando menos do que o piso legal para uma vida digna.

Este cenário é a materialização exata da superexploração da força de trabalho formulada por Ruy Mauro Marini(2005). Segundo Marini (2005), a superexploração ocorre quando o capitalista remunera o trabalhador abaixo do valor necessário para que ele recomponha suas energias. Ao pagar um valor/hora inferior ao mínimo e exigir jornadas que esgotam o corpo e a mente, as empresas de eventos não estão apenas contratando um serviço; elas estão consumindo as reservas biológicas desse trabalhador para garantir sua margem de lucro, operando em uma lógica onde a dignidade humana é sacrificada em nome da 'flexibilidade' do setor.

De modo geral, os relatos revelam um contexto marcado pela informalidade, desvalorização salarial, ausência de direitos e instabilidade, características recorrentes nas análises sobre precarização do trabalho, especialmente nos setores de turismo e eventos. As entrevistas, assim, reforçam na prática as discussões apresentadas no referencial teórico, demonstrando como essas dinâmicas se concretizam no contexto ouro-pretano.

⁷ O valor oficial do salário mínimo no Brasil para o ano de 2025 é de R\$1.518,00 por mês, referente aos vencimentos pagos a partir de fevereiro de 2025.

4.2. Impactos da precarização para os profissionais e para o setor de eventos local

A precarização no setor de eventos em Ouro Preto gera impactos significativos tanto para os profissionais quanto para o próprio funcionamento do setor. Os relatos das entrevistas e as referências consultadas demonstram que as consequências não se limitam a dificuldades pontuais, mas formam um conjunto de efeitos que comprometem a estabilidade do trabalhador, o desenvolvimento profissional e a qualidade geral das operações na cidade.

Para os trabalhadores freelancers, a precarização se manifesta principalmente na instabilidade financeira e emocional. A Entrevistada 1 destaca que a oscilação dos trabalhos afetou diretamente sua rotina acadêmica e capacidade de organização pessoal:

“Durante a graduação senti que me atrapalhou, tanto que demorei quase 7 anos para me formar.”
(ENTREVISTADA 1).

Essa instabilidade se soma ao desgaste físico, consequência de longas jornadas sem pausas adequadas. A Entrevistada 2 afirma:

“As pausas, quando existem, são curtas, de no máximo 15 minutos.”
(ENTREVISTADA 2).

A ausência de treinamento adequado impede a evolução das competências necessárias ao setor. Como relata a Entrevistada 2:

“Recebo orientações, mas treinamento não.”
(ENTREVISTADA 2, informação verbal, 2025).

Esses elementos resultam na desvalorização profissional, já que a falta de reconhecimento, de direitos e de estabilidade limita o crescimento e impede que os freelancers planejem o futuro ou consolidam um possível carreiras formais na área.

A precarização dos trabalhadores também gera consequências diretas para o setor como um todo, especialmente no que se refere à qualidade da força de trabalho, ao planejamento dos eventos e à capacidade estrutural de Ouro Preto para receber grandes fluxos de visitantes.

Um dos problemas mais evidentes é a falta de qualificação. Entrevista realizada pela autora Valadares, aponta que a cidade já contou com cursos técnicos e capacitações, mas que esses programas foram reduzidos ao longo dos anos. Isso leva à contratação de profissionais

sem preparo adequado, como ressalta um dos entrevistados citados por Valadares (2024)“A cidade tem que ter uma mão de obra qualificada para receber todos esses turistas [...] isso tudo tinha, mas agora se esvaiu.” (Valadares, 2024, P. 64).

A sazonalidade é outro impacto estrutural. Em períodos de alta demanda, empresas enfrentam sobrecarga e prazos reduzidos para organizar eventos, em períodos de baixa, não conseguem manter equipes fixas. Com isso, muitos empresários precisam reservar parte da renda dos meses movimentados para sustentar períodos de baixa, o que inviabiliza investimentos contínuos em qualificação e a contratação de funcionários com regime CLT.

Embora as contratações em Ouro Preto ocorram de forma direta ou via grupos de mensagens, o que se observa é uma uberização analógica. Como discute Tessarini (2024), a lógica da Gig Economy (economia dos bicos) baseia-se na transferência total dos riscos do negócio para o trabalhador, que 'consente' com a precariedade devido à falta de alternativas. Mesmo sem um aplicativo mediando a relação, o freelancer de eventos assume os custos de transporte, alimentação e o risco de acidentes, operando sob uma flexibilidade ilusória que, na prática, mascara uma superexploração onde a empresa se isenta de qualquer responsabilidade patronal, mimetizando a gestão algorítmica das plataformas digitais.

Ao analisarmos o cenário pós-pandemia de COVID-19, os dados e relatos sugerem que a retomada das atividades turísticas e de eventos em Ouro Preto não significou um retorno à normalidade anterior, mas sim o aprofundamento das estratégias de corte de custos das empresas. Como discute Oliveira (2024), momentos de crise no sistema capitalista servem frequentemente como laboratórios para a reestruturação produtiva. No setor de eventos, isso se materializou na redução drástica das equipes fixas e na dependência quase total do trabalho freelancer.

A percepção colhida na pesquisa é de que a situação piorou: as empresas voltaram ao mercado tentando recuperar os prejuízos do período de paralisação, intensificando a pressão sobre a força de trabalho. Isso explica por que, mesmo com a agenda de eventos lotada em Ouro Preto, as remunerações permanecem estagnadas e as jornadas tornaram-se ainda mais exaustivas. A pandemia 'normalizou' a ausência de garantias básicas, transformando a precariedade extrema em um modelo de negócio lucrativo sob a justificativa da recuperação econômica.

Somado a isso, Ouro Preto enfrenta limitações de infraestrutura urbana, que afetam diretamente a execução dos eventos. Em alta temporada, há falta de vagas de hospedagem, congestionamento e pressão sobre serviços básicos. Essas limitações são agravadas pelas restrições do tombamento histórico, dificultam adaptações estruturais, como criação de novos espaços para eventos, estacionamentos ou áreas de apoio.

4.3. Caminhos para a valorização do trabalho freelancer em Ouro Preto: propostas e recomendações

Como resultado, os trabalhadores do turismo acabam sendo impactados pelas oscilações econômicas e pela instabilidade da demanda turística, tornando-se vulneráveis à informalidade e à precarização.

A partir dos desafios identificados no setor de eventos de Ouro Preto, essa valorização não depende apenas da ação individual dos profissionais, mas de uma articulação entre poder público, iniciativa privada, instituições de ensino e os próprios trabalhadores. Assim, para início de um processo longo de reconhecimento desses profissionais não se limitam a intervenções complexas, mas envolve sobretudo medidas simples, possíveis e relacionadas diretamente ao cotidiano de trabalho, capazes de gerar melhorias progressivas nas condições trabalhistas e na qualidade dos eventos.

Nesse sentido, uma das propostas consiste na criação de um Cadastro Municipal de Profissionais de Eventos (CMPE), que poderia ser desenvolvido pela Secretaria Municipal de Turismo e Cultura em parceria com instituições de ensino, como a Universidade Federal de Ouro Preto. Esse cadastro funcionaria não apenas como ferramenta de intermediação de mão de obra, mas como um mecanismo de reconhecimento institucional desses trabalhadores. Além de permitir o mapeamento real da demanda por profissionais temporários, o CMPE possibilitaria a oferta de cursos de capacitação direcionados e poderia servir como base para o desenvolvimento de políticas públicas de proteção social, incluindo programas de qualificação contínua e a criação de seguros específicos para acidentes ocorridos durante a execução das atividades laborais.

Outra proposta relevante refere-se à criação do “Selo de Evento Responsável”, uma certificação municipal destinada a empresas e organizadores que adotem boas práticas de contratação e proteção ao trabalhador. A obtenção desse selo poderia estar condicionada ao cumprimento de critérios mínimos que garantam condições dignas de trabalho, como o fornecimento de alimentação adequada e pausas regulares, assegurando jornadas menos

exaustivas; a disponibilização de transporte seguro, especialmente em eventos realizados durante a madrugada, medida fundamental diante da predominância feminina observada na pesquisa; e a oferta obrigatória de seguro contra acidentes pessoais durante o período de trabalho. Tais medidas contribuiriam para reduzir os efeitos da superexploração identificada ao longo deste estudo, além de incentivar uma cultura de responsabilidade social no setor.

Um dos primeiros aspectos diz respeito à comunicação entre freelancers e contratantes. Muitas das dificuldades relatadas nas entrevistas, como funções mal definidas, pausas insuficientes ou informações incompletas sobre a rotina de trabalho, poderiam ser minimizadas com orientações claras antes do início das atividades. A adoção de briefings padronizados e reuniões prévias pode reduzir conflitos, otimizar o desempenho e evitar sobrecargas durante a execução.

Além disso, pode-se observar a necessidade de incentivar pequenas iniciativas de capacitação. Não se trata de grandes cursos técnicos inicialmente, mas de ações pontuais, como treinamentos rápidos horas antes dos eventos, repasse de orientações práticas ou até mesmo materiais informativos que auxiliem os freelancers a compreender melhor o funcionamento do evento. Essas iniciativas são importantes porque muitos profissionais começam a atuar sem experiência prévia, o que gera insegurança e sobrecarga durante a execução do trabalho.

Um plano a longo prazo seria a capacitação contínua. Onde criação de cursos de curta duração, oficinas, treinamentos práticos e programas de qualificação voltados especificamente para eventos, incluindo recepção, segurança, produção e hospitalidade, pode elevar significativamente o nível de preparo das equipes. A oferta dessas formações, em parceria entre prefeitura, universidade e empresas do setor, contribuiria não apenas para o desenvolvimento profissional dos freelancers, mas também para a padronização da qualidade dos serviços prestados.

Outro ponto relevante diz respeito ao planejamento prévio dos eventos, especialmente nos períodos de maior fluxo turístico. A sazonalidade mencionada tanto nas entrevistas quanto no referencial teórico demonstra que meses de alta demanda podem concentrar muitos eventos simultaneamente, gerando sobrecarga para os trabalhadores e dificuldades logísticas para os organizadores. Quando o planejamento é realizado com antecedência, torna-se possível distribuir melhor as equipes, ajustar horários e organizar escalas que reduzam o desgaste dos profissionais.

Por fim, a valorização do trabalho freelancer também passa pelo reconhecimento de sua importância para o funcionamento do setor de eventos na cidade. Esses profissionais estão

presentes em diversas etapas, recepção, montagem, operação, atendimento ao público e desempenham um papel crucial para que os eventos aconteçam. Ao reconhecer essa importância, tanto contratantes quanto participantes dos eventos passam a compreender o valor desse trabalho, favorecendo relações mais respeitadas e melhores condições de atuação.

Tais recomendações propostas apresentem caminhos possíveis para melhorar as condições de trabalho dos freelancers, é importante reconhecer que estas medidas representam apenas o início de um processo mais amplo. A valorização real desses profissionais demanda tempo, continuidade e uma mudança gradual na forma como os eventos são organizados e compreendidos na cidade.

Pequenos ajustes, como comunicação mais clara, orientações prévias, acordos básicos sobre pausas e melhor planejamento, podem gerar melhorias eventuais, mas não resolvem por completo questões históricas, como a falta de qualificação, a sazonalidade, a informalidade e a ausência de direitos trabalhistas, que fazem parte de um cenário mais profundo e complexo, não somente da cidade de Ouro Preto, mas as relações trabalhistas no contexto de freelancers/trabalhadores temporários.

Dessa forma, as alternativas sugeridas não devem ser entendidas como soluções definitivas, mas como primeiros passos, capazes de abrir espaço para diálogos mais consistentes e para uma melhoria progressiva das relações de trabalho no setor de eventos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos propostos neste estudo foram alcançados, uma vez que, a partir da análise teórica e das entrevistas realizadas com profissionais freelancers, foi possível compreender de forma clara como a precarização se manifesta no setor de eventos em Ouro Preto. O objetivo geral, analisar a precarização do trabalho freelancer, suas causas, condições e impactos, foi cumprido ao evidenciar que a informalidade, a instabilidade financeira, a ausência de direitos e a falta de qualificação estruturada configuram um cenário recorrente entre os trabalhadores entrevistados. Observou-se que tais fatores não apenas afetam a vida profissional e pessoal desses indivíduos, como também repercutem na qualidade dos serviços prestados e na profissionalização do setor.

Em relação ao primeiro objetivo específico, que buscava caracterizar as condições de trabalho e os elementos que configuram a precarização, os resultados demonstraram que os freelancers atuam em um ambiente marcado por acordos verbais, indefinições de funções, ausência de treinamento e rotinas sobrecarregadas. As entrevistas foram essenciais para confirmar que a precarização não se resume à falta de direitos formais, mas engloba também aspectos emocionais, físicos e acadêmicos, como dificuldades de planejamento, desgaste e impacto no percurso educacional de profissionais estudantes que precisam de um completo de renda.

O segundo objetivo específico, que se propunha a analisar os fatores que contribuem para a predominância desse modelo de contratação em Ouro Preto, também foi atendido. As falas revelaram que a presença estudantil, a sazonalidade turística, a busca por redução de custos e a falta de força de trabalho qualificada fortalecem o uso do trabalho freelancer na cidade. Essa combinação de fatores explica por que esse modelo se mantém é porque ainda é visto como mais vantajoso para os organizadores de eventos, apesar de suas fragilidades estruturais.

O terceiro objetivo específico, que consistia em propor recomendações para mitigar os efeitos da precarização e valorizar o trabalho freelancer, também foi contemplado. As sugestões apresentadas, voltadas para a melhoria da comunicação entre contratantes e trabalhadores, organização mínima de rotinas, orientação prévia e pequenas iniciativas de qualificação, representam caminhos possíveis e realistas dentro da realidade local. Embora não solucionem completamente a precarização, constituem passos iniciais capazes de promover avanços graduais no setor.

A realização desta pesquisa foi relevante ao aproximar teoria e prática, permitindo compreender de forma mais profunda como as dinâmicas contemporâneas de flexibilização do

trabalho se manifestam em cidades turísticas. A análise das entrevistas trouxe uma dimensão humana à discussão, evidenciando desafios cotidianos que muitas vezes permanecem invisíveis nas análises sobre turismo e eventos. Ao mesmo tempo, o estudo contribui para ampliar o debate sobre condições laborais em um setor que, apesar de essencial para o funcionamento dos eventos, ainda é pouco valorizado e pouco estudado sob essa perspectiva.

Ressalta-se, entretanto, que esta pesquisa também enfrentou limitações. O número reduzido de formulários respondidos, somado às dificuldades de contato com outros profissionais, limitou a amplitude dos resultados. Além disso, o tema da precarização envolve fatores estruturais amplos, alguns dos quais excedem a possibilidade de recorte da pesquisa. Ainda assim, os dados obtidos foram suficientes para responder aos objetivos propostos e indicar caminhos relevantes para investigações futuras.

Contudo, a análise realizada ao longo deste estudo permite afirmar que o trabalho freelancer no setor de eventos em Ouro Preto, embora frequentemente apresentado como oportunidade de renda complementar para estudantes, opera estruturalmente como um mecanismo de sustentação da lucratividade das empresas locais. Para o trabalhador individual, o modelo pode representar uma alternativa imediata de sobrevivência financeira, em nível estrutural ele se configura como uma engrenagem de reprodução da precarização, na medida em que transfere integralmente os riscos ao trabalhador e se apoia na disponibilidade constante de uma força de trabalho jovem, feminina e economicamente vulnerável. As jornadas extensas, as remunerações inferiores ao valor mínimo proporcional e a ausência de garantias demonstram que não se trata apenas de flexibilidade, mas de um arranjo que naturaliza a superexploração como estratégia de redução de custos. Dessa forma, o modelo não é apenas uma chance de liberdade, mas também funciona de uma maneira que favorece a lógica de lucro do setor, apoiando-se justamente na vulnerabilidade social das pessoas que dependem dele.

Diante disso, para que os trabalhos posteriores ampliem o número de participantes, incluam a perspectiva dos contratantes e explorem comparações com outras cidades turísticas. Pesquisas sobre formas de capacitação acessíveis, iniciativas de organização dos trabalhadores e estratégias de planejamento de eventos também podem contribuir para o desenvolvimento de soluções mais abrangentes. Assim, possibilitando que este trabalho incentive novas discussões e ações que valorizem os freelancers e fortaleçam o setor de eventos em Ouro Preto.

REFERÊNCIAS

- ACARENZA, Miguel Angel. **O turismo e o desenvolvimento nacional**. In: Administração do Turismo. Bauru: EDUSC, 2002. p. 153-186.
- ALBUQUERQUE, Soraya. **A importância dos eventos para o desenvolvimento do turismo**. Monografia (Graduação em Turismo) — Universidade de Brasília, 2004.
- ALMEIDA FILHO, Niemeyer (org.). **Desenvolvimento e dependência: cátedra Ruy Mauro Marini**. Brasília: IPEA, 2013.
- ARAÚJO, Angela Maria Carneiro; LOMBARDI, Maria Rosa. **Trabalho informal, gênero e raça no Brasil do início do século XXI**. Cadernos de Pesquisa, v. 43, p. 452-477, 2013.
- ARAÚJO, J. M. S.; ARAÚJO, M. F. S.; BARRETO, L. M. T. S. **As contribuições da gestão estratégica de pessoas para a qualidade de vida no trabalho em empresas de eventos**. RITUR, v. 12, n. 2, p. 38–54, 2022.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE EVENTOS – ABEOC BRASIL. II **Dimensionamento econômico da indústria de eventos do Brasil**. SEBRAE Nacional, 2013.
- BABIN, B. et al. **Fundamentos de métodos de pesquisa em administração**. São Paulo: Bookman, 2003.
- BALTAR, P., & Deddeca, C. **O trabalho no setor terciário: emprego e desenvolvimento tecnológico**. 1997/2001
- BARRETTO, M. **O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo**. Horizontes antropológicos, 9, 15-29.2003
- BARRETTO, M. **Planejamento e organização em turismo**. 1. ed. São Paulo: Col. Tur, 1991.
- BRASIL. Lei nº 13.429, de 31 de março de 2017. Altera a Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, para dispor sobre o trabalho temporário nas empresas urbanas e para outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 31 mar. 2017. Seção 1, p. 1. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113429.htm. Acesso em: 18 set. 2024.
- BRASIL. Lei nº 6.019, de 3 de janeiro de 1974. Dispõe sobre o contrato de trabalho temporário nas empresas urbanas. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 4 jan. 1974. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113429.htm. Acesso em: 18 set. 2024.
- BRASIL. Lei nº 9.254, de 26 de abril de 2021. Altera a Lei Estadual nº 921, de 11 de novembro de 1985, que dispõe sobre a instituição dos atrativos e das áreas estaduais de interesse turístico e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 27 de Abril de 2021, Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/tj/lei-ordinaria-n-9254-2021>. Acesso em: 18 set. 2024.

BUONFIGLIO, M. C.; DOWLING, J. A. **Flexibilización y desempleo: una misma historia.** CEA Hoy, México, 2000. p. 65-90.

BUONFIGLIO, M. C.; DOWLING, J. A. **Reestruturação produtiva na indústria de transformação do Nordeste: Fortaleza, Natal, João Pessoa e Recife.** João Pessoa: **Manufatura**, 1999.

CAMPEIZ, A. F., OLIVEIRA, W. A. de, FONSECA, L. M. M., ANDRADE, L. S. de, & SILVA, M. A. I. (2017). **A escola na perspectiva de adolescentes da geração Z.** Revista Eletrônica de Enfermagem, 19. <https://doi.org/10.5216/ree.v19.43074>. Acesso em fev./2026.

CANDELORO, R.; SANTOS, V. **Trabalhos acadêmicos: orientação para a pesquisa e normas técnicas.** Porto Alegre: AGE, 2006.

CORREA, Edilene Vilas Boas Benevides; DA SILVA, Rodrigo Cardoso; DE LIRA SILVA, Hiago Trindade. **Mercado de trabalho em eventos: reflexões sobre relações trabalhistas e precarização.** Revista de Turismo Contemporâneo, v. 11, n. 3, p. 506-526, 2023.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal.** 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **Comum: ensaio sobre a revolução no século XXI.** São Paulo: Editora Boitempo, 2017.

DE ARAÚJO, José Mateus Silva; ARAÚJO, Mayanne Fabíola Silva; DA SILVA BARRETO, Leilianne Michelle Trindade. **As contribuições da gestão estratégica de pessoas para qualidade de vida no trabalho: uma análise da percepção dos trabalhadores de empresas de eventos e cerimoniais do Rio Grande do Norte.** RITUR - Revista Iberoamericana de Turismo, v. 12, n. 2, p. 38-54, 2022.

DE OLIVEIRA SILVA, Marcella; BANTIM, Natasha; COSTA, Maria Angélica Maciel. **Precarização do trabalho no setor de eventos: um estudo inicial sobre os impactos para os trabalhadores e empresas: precarious work in the events sector: a study about impacts for workers and companies.** Revista de Turismo Contemporâneo, v. 9, n. 1, p. 1-23, 2021.

DE QUEIROZ, Lúcia Maria Aquino; FARIA, Diomira Maria Cicci Pinto. **Gestão Do Turismo Cultural, Desenvolvimento Local E Redes Sociais: Uma Análise De Duas Cidades Brasileiras.** 2019

DE SOUZA, Denise. **O trabalho no turismo como temática nos periódicos científicos associados aos programas Stricto Sensu em Turismo no Brasil.** Turismo & Sociedade, Curitiba, v. 9, n. 1, p. 1-20, Jan.-Abr. 2016.

DRUCK, G.; FRANCO, T. **A degradação do trabalho e os riscos industriais no contexto da globalização, reestruturação produtiva e das políticas neoliberais.** In: FRANCO, T. (Org.). Trabalho, riscos industriais e meio ambiente. Salvador: EDUFBA, 1997.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva.** São Paulo: Elefante, 2017.

FELIX, I. **Cidade patrimônio cultural: a voz do morro em Ouro Preto**. Curitiba: Appris, 2021.

FERREIRA, A. G.; DOMICIANO, L. G. O.; LESCURA, C.; KNUPP, M. E. C. G. **O impacto da pandemia do novo coronavírus no setor de eventos de Ouro Preto (MG)**. RITUR – Revista Iberoamericana de Turismo, v. 11, n. 2, p. 42–68, 2021.

FERREIRA, E. A. M.; TEIXEIRA-DA-SILVA, R. H. **Turismo e patrimônio no município de Ouro Preto/MG: desigualdades territoriais e contradições socioespaciais circundantes aos valores histórico-culturais**. Caderno Virtual de Turismo, v. 23, p. 92–107, 2023.

FIGUEIRAS, Vitor; CAVALCANTE, Sávio. **O trabalho no século XXI e o novo adeus à classe trabalhadora**. Princípios, v. 39, n. 159, p. 11-41, 2020.

FORBES. **Como vai evoluir o emprego nos próximos 50 anos?** Disponível em: <https://www.forbespt.com/como-vai-evoluir-o-emprego-nos-proximos-50-anos/>. Acesso em: 19 abr. 2025.

FORBES. **Futuro do trabalho: 20 tendências que vão mudar nossa realidade em 2025**. Disponível em: <https://forbes.com.br/...> Acesso em: 19 abr. 2025.

FORBES. **O futuro do trabalho depende do apoio à Geração Z**. Disponível em: <https://www.forbespt.com/o-futuro-do-trabalho-depende-do-apoio-a-geracao-z/>. Acesso em: 19 abr. 2025.

GETZ, Donald; PAGE, Stephen J. **Progress and prospects for event tourism research**. Tourism management, v. 52, p. 593-631, 2016.

GONÇALVES, C. A.; REIS, M. T.; GONÇALVES, C. (Orgs.). **Administração estratégica: múltiplos enfoques para o sucesso empresarial**. Belo Horizonte:UFMG/CEPEAD, 2001.

GUIMARÃES, Renato Cosentino Vianna. **Trabalho informal e grandes eventos na periferia do capitalismo**. Khóra: Revista Transdisciplinar, v. 2, n. 2, p. 1-15, maio 2015.

GRAMMONT, A. M. de. **Ouro Preto: problemas de um patrimônio histórico no início do século XXI**. Turismo – Visão e Ação, v. 8, n. 3, p. 455-470, 2006.

HARVEY, D. (1998). **Condição Pós-Moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. (7a. ed.). São Paulo: Edições Loyola.

HARVEY, D. (2005). **A Produção Capitalista do Espaço**. São Paulo: Annablume.

HOELLER, E. H. **Turismo de Eventos: Centreventos CAU HANSEN DE JOINVILLE – SC**. In: ANSARAH, M. G. dos R. (Org.) Turismo. Segmentação de Mercado. São Paulo: Futura, 2000

IBGE. **Rendimento domiciliar per capita 2024**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/...> Acesso em: 19 abr. 2025.

ILO – INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION. **World Employment and Social Outlook: Trends 2025**. 2025. Disponível em: <https://www.ilo.org/...> Acesso em: 19 abr. 2025.

KOTLER, P. **Administração de empresas de serviços e serviços de apoio ao produto.**

KOTLER, P. **Administração de marketing: análise, planejamento, implementação e controle.** 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 1998. p. 411-429.

KREIN, José Dari; GIMENEZ, Denis Maracci; SANTOS, Anselmo Luis dos (Ed.). **Dimensões críticas da reforma trabalhista no Brasil.** Curt Nimuendajú, 2018.

LACERDA, Raquel Alves. **O trabalho de freelancer: fraude trabalhista e superexploração.** 2022. 62 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) — Instituto de Ciências da Sociedade de Macaé, Universidade Federal Fluminense, 2022

LIMA, T. B.; AMARAL, E. V. S. **A percepção dos colaboradores de um hotel da capital paraibana sobre a política de recrutamento e seleção.** Revista de Turismo Contemporâneo, v. 6, n. 1, 2018.

LOURO, Patrícia Ascenso. **Turismo acessível: a qualidade dos serviços prestados na hotelaria a hóspedes com necessidades especiais de acesso na região de Leiria.** 2019. Tese de Doutorado.

MACHADO, Luiz. **Da informalidade à empregabilidade (reorganizando a dominação no mundo do trabalho).** Caderno CRH, v. 15, n. 37, 2002.

MAIO, I. P. (2006). **Antropologia e Turismo – reflexões teóricas sobre o estudo de processos socioculturais nas localidades receptoras.** Anais do IV SeminTUR – Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – UCS – Mestrado em Turismo, Caxias do Sul, RS, Brasil

MALTA SOUZA, E. C. **Patrimônio, consumo cultural e turismo em Ouro Preto, MG, pós-covid-19.** Interações (Campo Grande), v. 25, n. 4, e2544479, 2024. Disponível em: <https://www.interacoes.ucdb.br/interacoes/article/view/4479>. Acesso em: 19 abr. 2025.

MANZANO, M.; CALDEIRA, C. (2018) **Dinâmica recente do mercado de trabalho ainda nos marcos da CLT.** In: José Krein; Denis Gimenez; Anselmo dos Santos. (Org.). Dimensões críticas da reforma trabalhista no Brasil. 1ed. Campinas: Editora Curt Nimuendajú, 2018, v., p. 69-94. Disponível em: <https://bit.ly/2UrmPAK>.

MARINI, Ruy Mauro. **Dialética da dependência.** In: SADER, Emir (org.). *Dialética da dependência: uma antologia da obra de Ruy Mauro Marini.* Petrópolis: Vozes; Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 131-172.

MARQUES, J. **Trabalho, lazer e turismo de negócios.** Revista de Geografia e Ordenamento do Território, n. 2, p. 139–163, 2012.

MARQUES, Pedro. **Dependência e superexploração do trabalho no capitalismo contemporâneo.** Revista *Economia e Sociedade*, Campinas, v. 22, n. 3 (49), p. 599-626, dez. 2013.

MARTINS, J. S. **Projetos de pesquisa, ensino e aprendizagem em sala de aula.** Campinas: Armazém do Ipê, 2007.

MARUJO, N. **O contributo do turismo de eventos para o desenvolvimento turístico de uma região.** 2015.

MATIAS, M. **Organização de eventos: procedimentos e técnicas.** 6. ed. São Paulo: Manole, 2013.

MAYOR, S. T. S. (2012). **O carnaval de Ouro Preto: mercado e tradição (1980-2011).**

MEDEIROS SILVA, V. R. L. **É festa: eventos culturais como alternativas para o desenvolvimento turístico local em Currais Novos – RN.** 2013. 128 f. TCC – UFRN, Natal, 2013.

MELIANI, Fernando; GOMES, Edvânia Tôrres Aguiar. **Crítica à estética da mercadoria no turismo: dilemas da precarização do trabalho na produção do espaço de Itacaré, litoral sul da Bahia.** 2011. Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

MELIANI, P. F.; GOMES, E. T. A. **Contradições entre a importância do trabalhador e a precarização das relações de trabalho no turismo: notas primeiras de uma pesquisa de tese para doutoramento.** Revista Turismo & Desenvolvimento, v. 1, n. 3/14, p. 117-126, 2010.

MELO, Nildo Aparecido de. **Crise do mundo do trabalho e os desafios para a classe trabalhadora diante da reestruturação produtiva do capital no limiar do século XXI.** Geografia em Questão, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2016.

NÉRI, L. de F. **Eventos no Litoral do Paraná e o Problema da Sazonalidade.** In: **BAHL, M. (Org.). Eventos: A Importância para o Turismo do Terceiro Milênio.** São Paulo: Editora Roca, 2003.

OLIVEIRA, Anderson Matheus André de; GOMES, Rita de Cássia da Conceição. **Turismo de eventos: uma alternativa econômica para os pequenos municípios.** Revista da Casa da Geografia de Sobral (RCGS), v. 24, n. 2, p. 297-318, 2022.

OLIVEIRA, C. **Contratação de trabalho temporário na área de eventos: vantagens e desvantagens.** Trabalho de Conclusão de Curso, Brasília, DF, Brasil, 2007.

OLIVEIRA, M. F. S.; OLIVEIRA, O. J. R. **Carnaval, turismo e trabalho informal na Bahia: tanto negócio e tanto negociante.** IVT: Caderno Virtual do Turismo, 2005.

OLIVEIRA, M. G. de. **O papel dos eventos realizados no Centro de Artes e Convenções da UFOP para o turismo e para comunidade ouro-pretana: caso Festival de Inverno Ouro Preto – MG (2018).** 2022. 58 f. Monografia (Graduação em Turismo) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2022.

OLIVEIRA, M. **Manual do frila: o jornalista fora da redação.** São Paulo: Contexto, 2012.

OLTRAMARI, A. P., Paula, M. J. M., & Ferraz, D. L. S. (2014). **Do Departamento Pessoal ao Recursos Humanos Estratégico: os subsistemas e a sofisticação do controle do trabalhador.** In Soboll, L. A., & Ferraz, D. L. S. Gestão de Pessoas: Armadilhas da organização do trabalho. São Paulo: Atlas

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO – OIT. **O perfil dos trabalhadores e trabalhadoras na economia informal**. Escritório da OIT no Brasil, 2010. Disponível em: <https://webapps.ilo.org/public/libdoc/ilo/2010/458658.pdf>. Acesso em: 2 out. 2024.

PEREIRA, M. R. **Gestão de custos em contratações de freelancer e terceirização nas empresas de buffet e eventos**. 2018.

PEREIRA, Matheus Rodrigues. **O gerenciamento de riscos empresariais como forma de agregar valor às organizações**. Monografia (Bacharelado em Economia) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Economia, 2014.

PERES, Thiago Brandão. **Empreendedorismo informal no Brasil: desigualdades persistentes**. In: Anais do 21º Congresso Brasileiro de Sociologia, 2023. Disponível em: https://www.sbs2023.sbsociologia.com.br/trabalho/view?ID_TRABALHO=1829. Acesso em: 2 out. 2024.

PETRIN, N. **Terceirização**. Recuperado em: 14 jan. 2002. Disponível em: <https://www.estudopratico.com.br/terceirizacao>. Acesso em: 2 out. 2024.

PINTO, R. S. **Trabalho temporário: uma contribuição para a compreensão dos direitos do trabalhador diante do paradigma da flexibilização**. Cadernos Estudos Jurídicos, v. 7, n. 7, p. 1-194, 2004.

RAINHO, J. M. **Jornalismo freelancer: empreendedorismo na comunicação**. São Paulo: Summus, 2008.

RAMOS, C. C. **Eventos e patrimônio histórico: o carnaval de Ouro Preto-MG (2011–2020)**. 2022. TCC (Tecnologia em Eventos) – Faculdade de Tecnologia Deputado Ary Fossen, Jundiá, 2022.

RÊGO, A. C. D. **O comprometimento e a motivação organizacional dos colaboradores freelancer dos cerimoniais da cidade do Natal/RN**. 2017. TCC (Administração) – UFRN, Natal, 2017.

REIS, A.M. da S.; BOMFIM, N.R. **Representações Sociais da Comunidade sobre o Festival de Inverno de Ouro Preto, Minas Gerais (Brasil) a partir da Evocação Livre de Palavras**. Turismo & Sociedade, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 252-274, 2012.

REIS, G. L. **Produção de monografia: Da teoria à prática**. Brasília: SENAC, 2008.

REIS, R. A. **A mineração de ferro em Ouro Preto e seus impactos na economia municipal: uma análise do período de 1980 a 2016**. 2018. 54 f. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2018.

REZENDE, C. H. S., Aguiar, E. C., & Mansano, S. R. V. (2021). **Corpo alugado: o trabalhador freelancer em uma economia flexível**. Perspectivas Contemporâneas, 16, 1–17.

RIBEIRO, C. V. dos S.; LÉDA, D. B. **O significado do trabalho em tempos de reestruturação produtiva**. Estudos e Pesquisas em Psicologia, v. 4, n. 2, p. 76-83, 2004. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/11145>. Acesso em: 18 set. 2024.

ROCHA, Andréia Magalhães da. **Desenvolvimento turístico e desigualdades sociais na hotelaria de Natal-RN: análise das experiências de trabalhadores e ex-trabalhadores em relação à violência no trabalho**. 2024. 149 f. Tese (Doutorado em Turismo) — Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2024.

SANDOVAL, C. G.; ARRUDA, J. S.; SANTOS, N. C. **Ouro Preto – impactos da atividade turística em uma cidade tombada**. Revista Itinerarium, v. 2, 2009. Disponível em: <http://seer.unirio.br/itinerarium/article/view/398>. Acesso em: 19 mar. 2023.

SANTOS, B. H. dos. **Impactos das atividades do Centro de Artes e Convenções da UFOP para o setor de eventos de Ouro Preto/MG: desafios da retomada “pós-pandêmica” no ano de 2022. 2023**. Monografia (Graduação em Turismo) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2023.

SANTOS, Leticia Bento dos; DAMASCENO, Patrícia Lopes. **Prática freelancer em design: os efeitos da falta de formalização na prestação de serviços**. Poliedro, Pelotas, RS, v. 5, n. 7, p. 745-770, dez. 2021. ISSN: 2594-4398. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/poliedro>. Acesso em: 2 out. 2024.

SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DE OURO PRETO. **Diagnóstico do Plano de Apoio à Diversificação Econômica (PADE)**. Ouro Preto, 2024.

SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DE OURO PRETO. **Produtividade do trabalho e informalidade em Ouro Preto: evolução 2012–2020**. 2023.

SECRETARIA MUNICIPAL DE TURISMO DE OURO PRETO. **Plano Municipal de Turismo de Ouro Preto 2017–2027**. Ouro Preto, 2017.

SILVA, Marina Duarte Gomes; MIRANDA, Elis de Araújo. *Planejamento do turismo para o desenvolvimento local*. **Revista Brasileira de Planejamento e Desenvolvimento**, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 94–103, 2013. DOI: 10.3895/rbpd.v2n2.3079.

SIQUEIRA, A. D., & ABRÃO, L. R. D. E. S. (2010). **Direito, economia e flexibilização das relações de trabalho**. Revista CEPPG–CESUC–Centro de Ensino Superior de Catalão, Ano XIII, (22).

SOUZA, D. **O trabalho no turismo como temática nos periódicos científicos associados aos programas Stricto Sensu em Turismo no Brasil**. Turismo e Sociedade, v. 9, n. 1, 2016.

STAIR, R. M.; REYNOLDS, G. W. **Princípios de Sistemas de Informação: uma abordagem gerencial**. São Paulo: Thomson, 2006.

TENÓRIO, N. R. V. C. (2019). **Eventos esportivos competitivos como alternativa para solucionar a sazonalidade turística em Ouro Preto-MG**.

TESSARINI JUNIOR, Geraldo. **A "obra-prima" da exploração: normalização do trabalho precário, consentimento e resistência na gig economy**. 2024. Tese (Doutorado em Administração) – Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

TIMÓTEO, Ananda Adryele Nunes et al. **Reestruturação do setor de eventos no período pós-pandêmico em empreendimentos hoteleiros no Cabo de Santo Agostinho-PE: um**

estudo de caso. 2023. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) — Instituto Federal de Pernambuco, 2023.

TINEO Oliveira, D., & TOMAZZONI, E. L. **Santos e Região Convention & Visitors Bureau e a governança para o desenvolvimento turístico da costa da Mata Atlântica (SP).** Caderno Virtual de turismo, 2017.

TOLEDO, Danielle Luzie Leite; REIS, Vinicius Antunes. **A feminização da pobreza: crise capitalista e insuficiência neoliberal.** In: Ciências Sociais: Diálogos e Perspectivas. São Paulo: Editora Científica, 2025. p. 9-24

ULYSSEA, Gabriel. **Informalidade no mercado de trabalho brasileiro: uma resenha da literatura.** Brazilian Journal of Political Economy, v. 26, n. 4, p. 1-20, dez. 2006.

VALADARES, R. M. **A relação entre os eventos e a sazonalidade turística na cidade de Ouro Preto – MG.** 2024. 74 f. Monografia (Graduação em Turismo) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2024.

VERGARA, S. C. Projetos e relatórios de pesquisa em administração. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

WORLD TRAVEL & TOURISM COUNCIL (WTTC). **Travel & Tourism Economic Impact 2024: Global Trends. World Travel & Tourism Council, 2024.** Relatório anual que analisa o impacto econômico e tendências do setor de viagens e turismo global, incluindo contribuições ao PIB, emprego e projeções para o futuro.(2024)

APÊNDICE 1 - Questionário realizado para a Pesquisa**PESQUISA SOBRE TRABALHO FREELANCER EM EVENTOS EM OURO
PRETO – MG****1. Dados Pessoais e Sociodemográficos**

- Qual a sua idade?
 - 18 a 25 anos
 - 26 a 35 anos
 - 35 a 45 anos
 - Mais de 45 anos
- Gênero:
 - Feminino
 - Masculino
 - Outro
 - Prefiro não responder
- Estado civil:
 - Solteiro(a)
 - Casado(a) / União estável
 - Separado(a) / Divorciado(a)
 - Viúvo(a)
- Nível de escolaridade:
 - Ensino fundamental incompleto
 - Ensino fundamental completo
 - Ensino médio incompleto
 - Ensino médio completo
 - Ensino superior incompleto
 - Ensino superior completo
 - Pós-graduação
- Qual a sua renda média mensal?
 - Até 1 salário mínimo
 - De 1 a 2 salários mínimos

- De 2 a 4 salários mínimos
- Acima de 4 salários mínimos
- Você reside em Ouro Preto?
 - Sim
 - Não
 - Outro:

2. Experiência como Freelancer em Eventos

- Há quanto tempo você atua como freelancer no setor de eventos?
 - Menos de 1 ano
 - De 1 a 3 anos
 - De 3 a 5 anos
 - Mais de 5 anos
- Com que frequência você presta serviços em eventos?
 - Regularmente (toda semana)
 - Eventualmente (1 a 2 vezes por mês)
 - Esporadicamente (algumas vezes por ano)
- Em quais tipos de evento você costuma trabalhar? (pode marcar mais de uma opção)
 - Casamentos
 - Formaturas
 - Eventos universitários
 - Festivais culturais
 - Eventos religiosos
 - Eventos corporativos
 - Shows ou festas
 - Outro:
- Qual é a sua principal função nos eventos?
 - Garçom / bar
 - Sonorização / iluminação / técnica
 - Segurança
 - Recepção / credenciamento
 - Cozinha / buffet
 - Produção geral

Outro:

- Você possui um trabalho fixo atualmente? Caso sim, o trabalho em eventos é uma fonte de renda adicional para você? Por favor, descreva brevemente.

3. Condições de Trabalho

- Você possui carteira assinada para os trabalhos que realiza em eventos?

Sempre

Às vezes

Nunca

- Com que tipo de contrato você costuma trabalhar?

CLT

Prestador de serviço informal (sem contrato/freelancer)

Prestador de serviço com contrato esporádico (recibo ou MEI)

Outro:

- Já deixou de receber por algum serviço prestado?

Sim

Não

- Em média, quanto você recebe por um evento? (em reais)

Até R\$100

Entre R\$101 e R\$200

Entre R\$201 e R\$400

Acima de R\$400

- Em média, são quantas horas trabalhadas

Até 6 horas

De 7 a 12 horas

De 12 a 15 horas

Outro:

4. Percepções sobre a Precarização

- Você sente que seu trabalho como freelancer é valorizado?

Sim

Parcialmente

Não

- Em sua opinião, quais são as maiores dificuldades de ser freelancer em eventos?

- Falta de contrato formal
- Pagamento baixo
- Instabilidade de trabalho
- Falta de direitos trabalhistas
- Excesso de horas trabalhadas
- Outro:
 - Você gostaria de ter um trabalho formal no setor de eventos?
 - Sim
 - Não
 - Depende das condições

5. Perguntas Abertas:

- Descreva, com suas palavras, como é sua rotina de trabalho nos eventos.
- Você já enfrentou alguma situação de desvalorização ou abuso durante um trabalho?
Se sim, descreva.
- O que você acredita que poderia melhorar nas condições de trabalho para os freelancers de eventos em Ouro Preto?

APÊNDICE 2 - Roteiro De Entrevista Semiestruturada

ROTEIRO

Bloco 1: Perfil e inserção no setor de eventos

Neste bloco queremos entender as formas de inserção e o perfil dos freelancers.

- Conte um pouco sobre você? (Idade, formação, há quanto tempo mora em Ouro Preto).
- Como você começou a trabalhar como freelancer no setor de eventos em Ouro Preto?
- Que tipos de eventos você costuma cobrir e quais funções desempenha?
- Como você consegue os trabalhos/eventos? (Indicação, agências, contato direto, grupos online?)
- Você trabalha exclusivamente como freelancer ou tem outra fonte de renda? Ser freelancer é uma escolha ou uma necessidade?

Bloco 2: Condições de trabalho e precarização

Neste bloco queremos investigar instabilidade contratual, remuneração, direitos, condições de trabalho e qualidade de vida.

- Como são seus acordos de trabalho? São formais (contrato escrito) ou informais (verbais)?
- Como é definida sua remuneração? É por hora, por evento, por tarefa? Você considera justa?
- Com que frequência você recebe o pagamento? Há atrasos?
- Como é sua jornada de trabalho durante os eventos? Há pausas, alimentação fornecida, transporte?
- Você possui algum tipo de segurança no trabalho (ex: seguro, EPIs quando necessário)? Se sente seguro(a) no ambiente de trabalho?
- Você tem acesso a direitos trabalhistas como férias, 13º, descanso remunerado, contribuição para o INSS através dessa atividade?
- Como a instabilidade desse tipo de trabalho (não saber quando será o próximo evento) afeta sua vida financeira e pessoal?
- Quais são os maiores desafios que você enfrenta como freelancer no setor de eventos em Ouro Preto?
- Como essa atividade impacta sua qualidade de vida e seu desenvolvimento profissional? Você consegue se planejar para o futuro, investir em capacitação?

Bloco 3: Fatores que favorecem o modelo freelancer (perspectiva do trabalhador)

Neste bloco queremos analisar os fatores econômicos, sociais e políticos que favorecem a contratação de freelancers.

- Na sua opinião, por que as empresas/organizadores de eventos em Ouro Preto preferem contratar freelancers em vez de funcionários com carteira assinada?
- Você acha que a sazonalidade do turismo e dos eventos na cidade influencia essa forma de contratação? De que maneira?
- Você percebe uma busca por redução de custos por parte dos contratantes? Como isso se reflete no seu trabalho?
- A presença da universidade e a oferta de mão de obra estudantil impactam o mercado de freelancers de eventos?
- Você sente que existe alguma regulamentação ou fiscalização que proteja os freelancers neste setor?
- Quais são as vantagens e desvantagens, na sua visão, de ser um freelancer no setor de eventos aqui?

Bloco 4: Percepções e Sugestões

Neste bloco queremos coletar percepções gerais e sugestões de melhoria.

- Você recebe algum tipo de treinamento ou orientação antes dos eventos? Acha que seria importante?
- Como você vê o futuro do trabalho freelancer no setor de eventos em Ouro Preto?
- O que poderia ser feito para melhorar as condições de trabalho dos freelancers neste setor na cidade? (Por parte dos contratantes, do poder público, dos próprios freelancers?)
- Há algo mais que você gostaria de dizer sobre sua experiência como freelancer no setor de eventos que não foi abordado?